

**O Espírito Santo
e a Tradição de Jesus**

José Comblin

**O Espírito Santo
e
a Tradição de Jesus**



NHANDUTIEDITORA

© 2012 José Comblin (obra póstuma em administração de Monica Maria Muggler)
© 2012 desta edição, Nhanduti Editora

Preparação do manuscrito: Monica Maria Muggler
Revisão, diagramação: Nhanduti Editora

Capa: Nhanduti Editora sobre uma foto de Monica Maria Muggler

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Comblin, José

O Espírito Santo e a Tradição de Jesus / José Comblin. – São Bernardo do Campo :
Nhanduti Editora, 2012, 480p.

Bibliografias.

ISBN 978-85-60990-16-0

1. Teologia da Libertação. 2. Projeto de Jesus. 3. Pneumatologia. 4. Eclesiologia. 5.
Igreja e problemas sociais. I. Comblin, José. II. Título.

CDD-230.0464; 232.904; 231.3; 262.72; 261.1

Índices para catálogo sistemático:

1. Teologia da Libertação	: Tipos de teologia cristã	230.0464
2. Projeto de Jesus	: Jesus como mestre e modelo	232.904
3. Pneumatologia	: Deus Espírito Santo	231.3
4. Eclesiologia	: Características da Igreja	262.72
5. Igreja e problemas sociais	: Papel das Igrejas cristãs na sociedade	261.1

Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da Editora.

Nhanduti Editora

Rua Planalto 44 – Bairro Rudge Ramos
09640-060 São Bernardo do Campo – SP, Brasil
55 11-4368.2035 nhanduti@yahoo.es / www.nhanduti.com

Sumário

Introdução (Monica Maria Muggler) 11
Apresentação (Dom Frei Luiz Flávio Cappio, ofm) 21

Versão 5: O Espírito Santo e a Tradição de Jesus 29

Apresentação 31
Introdução 35

1. O mundo visto desde o ponto de vista católico 36
2. O futuro previsível da Igreja no Ocidente 38
3. A vinda de Deus e a religião 43

Primeira Parte: A Tradição evangélica

Capítulo 1: As origens 53

1. Os testemunhos do Novo Testamento 54
2. A Igreja dos mártires 60
3. A Igreja dos monges 61
4. A mística oriental 64
5. O milagre irlandês 71

Capítulo 2: A cristandade 74

1. Cluny 74
2. Citeaux 77
3. Extensão da vida monástica 78
4. Francisco de Assis 81
5. Domingo de Gusmão 87

Versão 1: A Nova Descoberta do Evangelho.

Introdução à Teologia Contemporânea 93

Introdução 95

Capítulo 1: A vida terrestre de Jesus, revelação de Deus 99

1. A morte de um Deus 99
2. Deus sem poder 100
3. O Reino de Deus 102
4. A vinda do Espírito Santo 104
5. A salvação 107

Capítulo 2: Depois de Jesus: A obra das primeiras gerações 110

1. A Escritura 112
2. O nascimento de uma religião cristã 117
3. O culto 119

4. A doutrina	121
5. A instituição	121
6. O sacerdócio	124
7. Dualidade evangelho – religião	126
8. A história	128
Capítulo 3: A tradição do evangelho	130
1. O início	132
2. Os monges	134
3. Os bispos da Alta Idade Média	137
4. Os movimentos de paz	138
5. As comunas	139
6. As obras de misericórdia nas cidades medievais	140
7. Os mendicantes	140
Capítulo 4: A tradição eclesiástica	146
1. A doutrina	147
2. O culto	154
3. O governo	159
Capítulo 5: As grandes tentações da história	163
1. A tentação do poder	163
2. A sacralização	170
Capítulo 6: A teologia como problema	179
1. O surgimento da teologia	184
2. A teologia do século XX	191

Versão 2: O Espírito Santo na Igreja 197

Preâmbulo	199
1. Os pressupostos	199
2. A Tradição e as tradições	204
Capítulo 1: Fé e religião	207
1. Colocação do problema	208
2. O evangelho e a fé	216
Capítulo 2: O Espírito Santo na vida de Jesus	219
1. O batismo	220
2. A tentação de Jesus	221
3. O envio para a Galileia	222
Capítulo 3: O Espírito Santo na Igreja: as origens	222
1. Depois da morte de Jesus	222
2. O Novo Testamento	226
3. A tradição paulina	230
4. A tradição joanina	233
5. A tradição lucana	234
Capítulo 4: A tradição movida pelo Espírito	237
1. Os sinais da verdadeira tradição	237

2. História da Tradição evangélica	239
3. O conteúdo da Tradição evangélica	244
4. Anunciar a chegada do Reino de Deus	246
5. A prioridade dos pobres	249
6. A compaixão pelos doentes	251
7. O perdão dos pecados	254
8. A denúncia da religião do seu tempo e a perseguição	256
Capítulo 5: A tradição religiosa	260
1. A interferência com o judaísmo	262
2. A entrada do Império – origem da cristandade	269
Capítulo 6: As duas tradições religiosas paralelas	276

Versão 3: O Espírito Santo na Igreja 277

Introdução	281
1. Retorno às origens	282
2. Fé e religião	284

Primeira Parte: As origens da tradição

Capítulo 1: O Espírito Santo na vida de Jesus	297
1. O batismo	298
2. A tentação de Jesus	299
3. O envio para a Galileia	300
Capítulo 2: O Espírito na Igreja – o nascimento da tradição evangélica	301
1. Antes do Novo Testamento	301
2. O Novo Testamento: os Evangelhos	305
3. A tradição paulina	309
4. A tradição joanina	313
5. A tradição lucana	315

Segunda Parte: A tradição evangélica

Capítulo 3: O primeiro milênio	319
1. Até Constantino – A Igreja dos Mártires	319
2. A Igreja dos Monges	321
3. Os prelúdios da cristandade na Europa	324
Capítulo 4: A tradição na cristandade medieval	330
1. São Francisco de Assis	331
2. São Domingos de Gusmão	335
3. O movimento franciscano	335
4. A cruzada dominicana	336
5. Os leigos no século XIII	337
6. A “devoção moderna”	338
7. A cristandade dividida	339

Capítulo 5: A tradição nos tempos da Reforma 340
A reforma nas novas fundações de clérigos
regulares na Itália no século XVI
1. A Companhia de Jesus 340
2. São Vicente de Paula 344
3. Os primeiros missionários dominicanos
e franciscanos na América 346

Capítulo 6: A tradição na ruína da cristandade 348
1. A ruína da cristandade 348
2. Os Santos Padres da América Latina 351
3. Conclusão – A tradição evangélica na atualidade 352

Terceira Parte: A tradição religiosa

Capítulo 7: Origens da tradição religiosa 357
1. O judaísmo 358
2. O desafio do helenismo 362

Capítulo 8: A religião na cristandade 365
1. Os prelúdios da cristandade 365
2. O nascimento da teologia 372
3. A conversão dos bárbaros 376
4. A cristandade: Gregório VII e a luta pela liberdade da Igreja 384
5. Conclusão da Idade Média 404

Capítulo 9: A religião tridentina 404
1. A Igreja tridentina 404

Capítulo 10: A religião tridentina enfrenta a Modernidade 420
1. O renascimento católico depois da Revolução Francesa 424
2. A vida religiosa 430

Quarta Parte: Na aurora do século XXI

Capítulo 11: A conjuntura 437
1. A longo prazo 437
2. A curto prazo: século XXI 439

Capítulo 12: A tradição evangélica no presente 452
1. Os sinais do evangelho no presente 453
2. Além do helenismo 456
3. Conclusão 463

Capítulo 13: A tradição religiosa no presente 464
1. Os defeitos da religião da cristandade 465
2. Ressurgência de temas bíblicos 470
3. O nascimento de uma nova teologia 473

Bibliografia 475

Introdução

Monica Maria Muggler¹

Como a sinfonia inacabada de outros gênios, assim ficou a última obra de José Comblin, padre e doutor em teologia. Um dia, perguntado sobre qual de seus livros considerava o melhor respondeu: *Este que estou escrevendo!* Afirmava-o sem hesitação, talvez pressentisse ser sua última obra. Mas também porque desejava completar o conjunto de suas obras sobre o Espírito Santo.

Quis o destino que não terminasse. Deus veio buscá-lo sem avisos prévios nem delongas. Sua jornada estava cumprida. Sua obra restou inconclusa. Ficou como último presente de seu vasto testamento: provocante, polêmica, eivada de profundo amor a Jesus e à Igreja! Desejava vê-la – a sua Igreja – mensageira, coerente, fiel, seguidora da Tradição de Jesus. José Comblin sempre foi um homem de Igreja, por isso provocava-a à fidelidade evangélica. Queria vê-la livre do peso dos séculos que agregaram tanta coisa que ofuscava a imagem verdadeira de Jesus e desviava da revelação do Pai.

O objeto do seu derradeiro escrito não é um tema novo. Pelo contrário, ao longo de seus escritos, assim como em diversas conferências posteriormente

¹ Apresento-me: desde 1984 conheço e trabalho com o Padre José Comblin. Inicialmente na formação de animadores de CEBs e depois de Missionárias e Missionários na Paraíba sob a sua orientação. Desde 1991 tenho colaborado mais diretamente com ele nas Escolas de Formação Missionária (que atualmente são cinco, espalhadas pelo Nordeste). Com o avançar da idade e as necessidades da saúde, passei a residir em sua casa e acompanhá-lo em suas viagens e compromissos. Atualmente permaneço na diocese de Barra, aonde chegamos em 2009.

transcritas, ele abordava de uma forma ou de outra os temas que agora apresenta de forma mais incisiva, na perspectiva da fidelidade à tradição de Jesus. A novidade está na clareza da distinção que faz entre o Evangelho e a Religião. Entre a tradição de Jesus e a tradição religiosa. O que é transmitido pelo Evangelho e pelos Atos dos Apóstolos, e o que foi construído a partir das interpretações ao longo dos séculos e sistematizado em doutrinas e ensinamentos da Igreja.

Nesta obra, ele quis ir mais longe. Ele explicita de modo incisivo, certamente incômodo e desconfortável para alguns, tudo o que foge à verdadeira tradição de Jesus. – *Como vamos transmitir a mensagem de Jesus, se o que é ensinado é uma doutrina elaborada posteriormente, marcada pela cultura e realidade, pelos impasses e desafios das épocas seguintes?* Inquiria ele. José Comblin parte da constatação da necessidade de elaborar uma nova Teologia e chega ao essencial que é a transmissão da verdadeira Tradição de Jesus pela ação do Espírito Santo na sua Igreja, conforme à sucessão dos títulos que foi dando às distintas redações.

É preciso voltar a Jesus, ao Evangelho. Deixar de lado tudo o que foi acrescentado. É preciso voltar a ser livre. Livres para seguir Jesus Cristo, e não os seguidores de Jesus e o que a Igreja construiu em torno de Jesus. E será tarefa do Espírito interpretar ou atualizar para cada época e cada situação a mensagem e os atos de Jesus, inspirar o agir, o ensinar e o transmitir para cada tempo.

Ele mesmo o expressou: *A cada geração houve discípulos de Jesus que se inspiraram nessa Tradição e foram os seus continuadores. Foram a Tradição viva do evangelho, da novidade proclamada por Jesus, e entraram no seu caminho, vivendo no meio deste mundo como testemunhas, como luzes que iluminam o mundo. Jesus está na origem da Tradição evangélica. Esta Tradição foi e é obra do Espírito Santo. [...] Na nossa época é importante saber o que procede do Espírito e o que procede de decisões humanas.*²

*Eis o desafio. O que é que constitui o eixo, a verdadeira Tradição evangélica? O que é criação de uma época teve a sua fecundidade naquela época, mas já não tem significado para os nossos contemporâneos.*³

O fato de ter ficado inconclusa tem seu simbolismo: somos nós, é a Igreja, é o Povo de Deus que deve concluir: Como queremos prosseguir? Qual será a nossa resposta? Como nos inserir na transmissão viva da Tradição de Jesus?

Sempre que viajava à Europa, José Comblin visitava livrarias, as maiores e melhores: na Bélgica, em Paris, na Espanha. Sempre voltava com diversos volumes de obras que escolhia entre milhares. Numa dessas viagens encontrou os livros

2 Cf. Introdução à 3ª redação.

3 Ibidem.

de Moingt⁴ e os adquiriu. Logo se debruçou sobre estes livros. Lia com rapidez, registrava no cérebro de modo extraordinário. Após a metade do primeiro livro, começou a comentar: *Encontrei finalmente alguém que pensa como eu*. E se entusiasmou.

Coincidiu que seu grupo de reflexão que se reunia periodicamente em sua casa em Bayeux, na Paraíba, perguntou-lhe como escolhia os temas de seus livros. E ele respondeu: *Quase todos os meus livros foram escritos por encomenda. A única coisa que partiu de mim mesmo foi o que desejava deixar como tratado sobre o Espírito Santo, ou seja, uma pequena contribuição minha à Pneumatologia. Dediquei cinco volumes⁵ à presença do Espírito Santo no mundo: O tempo da ação; A força da palavra; A vocação para a liberdade; O povo de Deus; A vida: Em busca da liberdade*.

Numa reunião seguinte, alguém perguntou por que ele não falava da ação do Espírito na Igreja. A pergunta ficou alojada nos seus pensamentos. E seu olhar, suas observações, suas leituras começaram a buscar isso. Sobretudo sentiu-se estimulado pelas ideias de Moingt.

Começou a abordar o tema em palestras e conferências em muitas partes: Brasil, Chile, Colômbia, El Salvador. Primeiro expressou a sua preocupação com o ensino da teologia: que teologia se transmite? Quais os problemas do ensino da teologia? Na primeira redação, o enfoque partia da teologia que é transmitida. *O grande desafio para os cristãos do século XXI é saber o que devem fazer no mundo de hoje. A orientação está num retorno aos Evangelhos e à vida terrestre de Jesus*.⁶ Sua preocupação é com o que se oferece aos cristãos para responder às situações do mundo atual.

Na redação seguinte, os temas são abordados a partir da ação do Espírito Santo. Como age o Espírito na marcha da Igreja. Por fim, a ênfase é dada à transmissão da Tradição de Jesus por obra do Espírito Santo.

Sem dúvida, essa obra aponta para o futuro da Igreja. No seu amor à Igreja e na sua visão intuitiva, ele deixa um legado, uma herança em vista do futuro da Igreja Católica, em vista do futuro do cristianismo. Muitas vezes, ouvimos dizer: *Comblin é muito pessimista, falta esperança*. Grande equívoco. Os que conviveram sabem que aí está um verdadeiro homem de Fé e de Esperança. Po-

4 Joseph Moingt, padre jesuíta, nascido em 1916, é um dos grandes teólogos do século XX. Especialista em cristologia, lecionou em diversas faculdades jesuíticas, entre elas o *Institut Catholique* e o *Centre Sèvres* de Paris.

5 *O tempo da ação. Ensaio sobre o Espírito e a história*. Petrópolis: Vozes, 1982, 389p (também em espanhol); *A Força da Palavra*. Petrópolis: Vozes, 1986, 406p (também em italiano); *Vocação para a liberdade*. São Paulo: Paulus, 1999, 319p (também em espanhol); *O Povo de Deus*. São Paulo: Paulus, 2002, 416p (também em inglês); *A Vida: Em busca da liberdade*. São Paulo: Paulus, 2007, 182p.

6 Cf. Introdução à 1ª redação.

rém, erguia a sua fé e a sua esperança sobre a rocha e não sobre a areia. O que muitos chamaram de pessimismo nada mais foi do que realismo. Muitos sabem por experiência que assim foi. Ele parecia ter uma bola de cristal. O seu senso agudo da realidade, a sua perspicácia na observação e na análise da conjuntura eclesial, a sua sensibilidade evangélica o fizeram muitas vezes antever os caminhos eclesiais.

Não sei como os gênios da música clássica – que ele apreciava ouvir enquanto escrevia – compunham as suas obras. Certamente não era de modo contínuo. José Comblin, quando iniciava o escrito de um novo livro, buscava nas leituras ou no próprio evangelho as provocações necessárias. Confrontava com um desafio pastoral ou eclesial, com práticas e demandas, e sobretudo sentia-se provocado por testemunhos que sempre encontrou no caminho em suas infundáveis andanças. Assim começava a fazer anotações esquemáticas. Logo ia para sua máquina – posteriormente para seu computador – e iniciava a redação de um texto. Escrevia, escrevia, consultava, lia, relia, buscava referências, pesquisava em sua biblioteca. Era um contínuo descer e subir, entrar e sair para a sua biblioteca, tirar e recolocar livros nas estantes.

Um dia decidia dar por terminada a primeira redação. Deixava tudo de lado e iniciava uma segunda. Não copiava nem colava – facilidades da informática atual, não. Recomeçava. Escrevia, acrescentava, modificava, algumas vezes consultava o que havia escrito na versão anterior. Voltava a fazer anotações e redigia, buscava referências, lia novas obras, buscava em livrarias, trazia de suas viagens. E esse processo se repetia uma terceira, uma quarta, até uma quinta redação. Então dizia: *Agora já estou cansado. Vou permanecer com esta versão.* E então fazia os acabamentos. Convém lembrar que ele utilizava apenas os dois dedos indicadores para digitar. Tive o privilégio de colaborar na revisão da digitação das últimas obras. Seu português era perfeito, necessitava de poucos retoques. Até porque era preciso deixar o seu estilo próprio de expressar-se, estilo simples, claro e direto.

Uma descrição cronológica do seu trabalho e de algumas de suas preocupações pode ajudar-nos a compreender as diferentes redações de seu livro.⁷

O estado atual do ensino de teologia o vinha incomodando há muito, muito tempo. Começou a refletir sobre o assunto em inúmeros textos publicados e conferências proferidas. Finalmente fez um esquema sobre o assunto, intitulado

7 A revisão pela Nhanduti Editora limitou-se a dois tipos de intervenção: primeiro, correção de erros ortográficos incl. adaptação à Nova Ortografia, normatização da pontuação, unificação da numeração dos capítulos e subcapítulos e normalização da bibliografia, e segundo, em alguns poucos casos e em sintonia com Monica M. Muggler, correção de óbvios erros materiais e complementação de algumas lacunas.

*Problemas de Teologia*⁸, em dezembro de 2008. Pouco depois retoma o assunto em outra página: *Um terceiro sinal é o nascimento de uma nova teologia*⁹, em janeiro de 2009.

Aqui convém fazer um parêntesis histórico. Em dezembro de 2008, José Comblin decide, depois de consultar seus santos, transferir a sua morada para a diocese de Barra, a convite do bispo, Frei Luiz Flávio Cappio. Acompanhara os seus jejuns em defesa do Rio São Francisco e ficara muito impressionado. Como afirmou em artigo que teve grande circulação: *Para lembrar a sua existência aos poderosos os pobres precisam de sinais fortes. Sem esses sinais o medo é sempre mais forte*¹⁰.

Convidado pelos jesuítas para o Fórum Panamazônico em Belém, José Comblin participa do Fórum Social 2009. Comunica sua decisão e sua intenção de ir já no mês de março para um estágio. Muitos se surpreenderam: *Como? Um lugar tão remoto?...* Mas ele já estava decidido e convencido: *Antes de fazer a Grande Viagem, preciso me converter. Nada como ir viver no sertão do nordeste, à sombra de um profeta* – a quem dedicara seu último livro: *A Profecia na Igreja*.

Porém, uma embolia uma semana antes do previsto o impediu de partir. Já estava com todas as bagagens preparadas. O médico de João Pessoa iniciou o tratamento e o liberou para prosseguir nos seus planos alguns meses mais tarde, apesar do lugar tão remoto. Durante os meses que permaneceu na Paraíba – teve licença de viajar à Europa, mas não ao sertão – aproveitou para ler, ler muito, debulhou as obras de Moingt, Jon Sobrino, Gutiérrez, Schillebeeckx, Moltmann, Juan Luis Segundo e outros. O fogo interno para completar sua obra sobre o Espírito Santo queimava e inspirava.

Assim, deixou definitivamente a Paraíba em agosto de 2009. Na mudança restrita ao espaço de um carro popular, o espaço maior era ocupado pelos seus livros, aqueles que iria utilizar nessa obra derradeira sobre o Espírito Santo. Claro, como cidadão do mundo, retornou algumas vezes à Paraíba, para compromissos com a formação missionária. Aproveitava cada viagem para trocar e levar mais livros.

Não é demasiado deixar registrado que, antes de partir da Paraíba, já fazia mais de ano que buscava um destino para a sua biblioteca de cerca de sete mil volumes conservados, pois em suas inúmeras mudanças muitos livros se perderam. Muitos se ofereceram e desejaram acolher. Mas ele resistia: *Seminário? Lá não se lê mais... Dioceses? Que interesse elas teriam, quem leria? Os centros mis-*

8 Cf. Arquivos de José Comblin. *Problemas de Teologia*, 8 p. Criado em 14/12/2008 e terminado em 26/12/2008.

9 Cf. Arquivos de José Comblin. *Um terceiro sinal é o nascimento de uma nova teologia*, 1 p. 17/01/2009.

10 A propósito da greve de fome de dom Luiz Cappio, cf. REB no. 66, 2006, 197-200.

sionários? *A maior parte dos livros não é do domínio popular.* A sua casa transformada em fundação? *Os cupins vão devorar...* Por fim, surgiu a idéia e o interesse recíproco, e ele doou à UNICAP – Universidade Católica de Pernambuco, com mais de 90 anos de existência, dirigida pelos padres jesuítas. Logo começou a enviar seus livros. Conseguiu enviar mais de 3.000 títulos. Os outros três mil seguiram depois de sua morte. Livros sempre foram o principal bem na sua vida. Sem dúvida foi uma lição contundente de desprendimento. Além do mais, ficou muito impressionado com a organização da biblioteca da UNICAP, que tem em média 4.000 consultas diárias. *Nem na Europa encontrei uma biblioteca tão organizada e funcional!* Sem dúvida, José Comblin partiu feliz e tranquilo, sabendo que seus livros estariam muito bem abrigados.

Voltemos à redação de seu livro, sua OBRA maior. Encontra na leitura dos livros de Moingt (2008-2009) uma identificação com o pensamento do autor e forte estímulo para ampliar a reflexão sobre o assunto. Fez algumas páginas de anotações de seus livros (o primeiro registro data de 1º de abril de 2009).¹¹ Iniciou a redação – ainda nada definido do que seria. Entre as suas preocupações está a própria teologia. Acreditava que a Igreja necessitava uma nova teologia. Afirma: *Não somente os edifícios, as instituições, mas também a teologia aparece como um grande museu.*¹² Redigiu com afinco e encerrou esse escrito em 03 de outubro de 2009, ele mesmo o datou ao final o documento intitulado: *A nova descoberta do Evangelho - Introdução à Teologia Contemporânea.*

A sua preocupação tornou-se objeto de conferências. A primeira abordagem mais elaborada da questão teológica foi no Chile, em novembro de 2009¹³. Repercussões do público e reflexões dos amigos vão estimulando seus pensamentos. Provocado pelo grupo de reflexão que se reúne em sua casa, em Bayeux, Paraíba, começa a considerar a inserção de suas reflexões numa derradeira obra, sobre a ação do Espírito Santo na Igreja. Segue na leitura dos livros de Moingt.

Inicia uma 2ª redação. Já com novo título: *O Espírito Santo na Igreja.* Seu registro final consta em 20/12/2009. Na introdução, o autor retrata a primeira motivação deste escrito: *Chegou a hora de apresentar o Espírito na Igreja. Tudo o*

11 Encontramos dez páginas de anotações feitas por José Comblin dos seguintes livros de Joseph Moingt: - *Dieu qui vient à l'homme. Du deuil au dévoilement de Dieu.* Paris: Les Éditions du Cerf, 2002; - *Dieu qui vient à l'homme. De l'apparition à la naissance de Dieu, 1. L'Apparition.* Paris: Les Éditions du Cerf, 2005; - *Dieu qui vient à l'homme. De l'apparition à la naissance de Dieu, 2. La Naissance.* Paris: Les Éditions du Cerf, 2007. Ainda encontramos na sua estante: *La question de la Tradition dans la théologie catholique contemporaine.* Paris: Les Éditions du Cerf, 1998.

12 Cf. Introdução à 3ª redação.

13 *Los retos de la teología en el siglo XXI.* Palestra pronunciada em 31 de outubro de 2009 na Universidad Silva Henríquez, Santiago de Chile, como parte da programação em homenagem aos 80 anos do teólogo Sergio Torres.

que o Espírito Santo faz na Igreja está dirigido em função da sua ação no mundo, já que a Igreja é serviço ao mundo.¹⁴

A partir de então, o tema volta a ser abordado em outras conferências, com destaque para a de El Salvador, pronunciada na UCA em 18 de março de 2010 (e que tem três versões: uma prévia para efeito de publicação pelos organizadores, a conferência gravada já bem distinta do escrito um mês antes, e um novo escrito após o retorno da viagem que foi publicado na Revista Teológica da UCA¹⁵).

Ao retornar da viagem segue trabalhando nessa redação, mas de repente tem a inspiração de modificar o esquema do livro e deixa de lado seu trabalho para recomeçar. As mudanças sugerem sua preocupação em focar a essência da mensagem cristã a ser transmitida e o papel do Espírito na atualização da mensagem para cada contexto. Como é característico de sua maneira de escrever, sempre percorre a história, destacando fatos e testemunhos que determinaram o que temos e vivemos hoje como instituição eclesial e também como carisma na transmissão da mensagem de Jesus.

No dia 6 de abril de 2010 começa a 3ª redação de sua nova obra. Segue intitulada: *O Espírito Santo na Igreja*. Em novembro de 2010 viajou ao Chile, a sua segunda pátria latino-americana. Trabalhou com afinco para deixar encaminhada a sua obra, pelo menos o texto básico. Encerra essa versão em meados de novembro de 2010. Essa já é mais desenvolvida e elaborada, acrescenta conteúdo e reflexão aos temas, destaca na história da Igreja os testemunhos da ação do Espírito. Ainda assim, é uma peça a ser retrabalhada, completada, polida.

Ao retornar em dezembro, já na segunda quinzena, o tempo foi pouco, menos de dez dias na sua Barra querida. Logo após o Natal viajou para a Paraíba, retornando no dia 9 de janeiro, diretamente para Brotas, diocese de Barra, onde foi fundada uma nova Escola Missionária. Ali permaneceu durante trinta dias. Acompanhou passo a passo a turma fundadora, mas teve bastante tempo para dedicar-se à sua obra. Tomou a última versão que contemplava o conteúdo que desejava deixar para a posteridade. Iniciou, assim, uma revisão, modificando, acrescentando, corrigindo. Tudo corria bem quando, no dia 28 de janeiro de 2011, tocou teclas erradamente e acabou substituindo todo, todo o texto por novas letras... Ao olhar a tela, tudo tinha desaparecido. Não soube o que fazer. Acabou decidindo fechar o computador, salvando o documento substituído. Um mês depois, técnicos, os melhores, tentaram tudo, mas o arquivo estava corrompido. Foi impossível recuperar. Restava a versão trabalhada até final de dezembro.

14 Cf. Introdução à 2ª redação, *O Espírito Santo e a Igreja*.

15 Fe y Política. Problema del Método Teológico. In: *Revista Latinoamericana de Teología*, no. 80. El Salvador: UCA, 195-204.

Antes do veredicto dos técnicos, já prevendo o fracasso na tentativa da recuperação, ele não perdeu tempo. Assim, no início de fevereiro, na possibilidade de não recuperar o texto corrigido, deu início a um novo escrito, onde buscou registrar justamente a parte nova que havia agregado à versão que estava trabalhando. Tratava-se do início da obra, onde faz uma apresentação pessoal de sua teologia. Durante seu trabalho teve a inspiração de reformular o esquema de seu livro. Faz um novo esquema em meados de fevereiro (data do registro 15/02/2011). Na verdade tratava-se de um reordenamento dos temas expostos, destacando o que considerava mais importante e decisivo.

Logo passa a desenvolver esse esquema na sua nova redação, a 5ª redação (se considerarmos a redação perdida como a 4ª), cujo primeiro registro data de 26/02/2011 e o último justamente na véspera de sua morte, 26/03/2011, às 17.07h. Essa nova versão recebe um novo título: ***O Espírito Santo e a Tradição de Jesus.***

No início de março viajou a Mogéiro com nosso bispo, Frei Luiz Flávio Cappio, para um retiro missionário. Levou-o para conhecer o santuário do Padre Ibiapina em Santa Fé, Solânea, Paraíba (jamais imaginávamos que três semanas depois estaríamos retornando, para uma pungente e definitiva despedida). No dia 14 acompanhou o diretor geral de Adveniat, Mons. Bernd Klaschka, na visita ao memorial e ao túmulo de dom Helder Camara, em Recife e Olinda. Na semana seguinte estive em Juazeiro do meu Padim, Padre Cícero. Concelebrou a missa mensal do romeiro, na Praça do Socorro em Juazeiro, na manhã do dia 20, último domingo de sua vida. Não sabíamos que cumpria sua última peregrinação por lugares tão significativos e santos para ele e para nós.

Nos intervalos escrevia com afinco e determinação, sem perder tempo. Aproveitava todos os momentos. Tinha motivos para isso. Mas tinha também pressa, muita pressa. Era perceptível. Queixava-se que seu pensamento já não respondia com a mesma rapidez. Mas se esforçava. Era visível na última semana, já em sua aprazível casa, na Barra, o seu esforço, a sua luta, a sua pressa.

Celebrou o seu aniversário – quis voltar para a Barra, lá queria celebrar sua nova idade, na simplicidade de Nazaré, com seu amigo bispo. E dias depois decidiu ir a Salvador, antecipando a ida que já estava prevista para maio, atendendo a propostas. Sentia-se chamado a ir ao Recanto da Transfiguração. Lá, com sua amiga Gisa Maia, fez os últimos comentários sobre a sua nova obra.

Quando perguntávamos sobre a previsão do término do livro, ele dizia: *Com certeza em dezembro deste ano.* Havia previsto diversas viagens – mais de quatro meses de ausência –, o que limitava seu tempo de trabalho para dar os acabamentos à sua obra. Ainda havia seus compromissos eclesiais e pastorais, já que

aqui na Bahia estava sendo muito solicitado. Ele atendia a tudo, acompanhava, queria conhecer, tudo servia de referência. Com sua simplicidade e humildade se fazia presente, simplesmente. Sacrificava seu tempo de escrever para fazer-se presente ao povo de Deus, aos pequenos, à Igreja dos pobres. E por isso calculava que sua nova obra, na última versão intitulada *O Espírito Santo e a Tradição de Jesus*, estaria concluída para enviar à editora (Paulus) em dezembro. Mas, pelo tempo que o acompanhei, percebi que sempre seu manuscrito ficava pronto antes do prazo que ele mesmo estipulava. E tudo indicava que ele – que se mostrava muito apressado – iria concluir antes do previsto.

As quatro redações diferem em parte, repetem-se em alguns pontos e se completam. Cada uma delas tem sua novidade que não se repete da mesma forma na outra. Daí a dificuldade de optar por uma e outra, até porque todas, em maior ou menor parte, estão incompletas. Gostaríamos que todas fossem publicadas na íntegra e simultaneamente, em um ou mais volumes, a critério da editora. Sabemos que encarece o custo final do livro. Mas é a *obra final de sua vida...*

Hoje talvez muitos não entenderão, ou irão considerar exagero suas colocações. Ele, porém, descortinava horizontes muito além dos nossos. Ao leitor caberá comparar, pesquisar, fazer a síntese e seguir o diálogo com ele. Quem sabe, mais adiante alguns teólogos/as poderão fazer uma edição crítica desta sua obra, na qual constam as suas intuições acerca do porvir da Igreja e do cristianismo.

A publicação simultânea e conjunta das quatro redações permitiria descobrir a evolução do pensamento deste teólogo de profunda honestidade intelectual e rara criatividade em termos de proposições.

Pensamos entre amigos que a publicação deveria começar pela apresentação da 5ª redação, pois é a primeira vez que Comblin faz uma autoapresentação em seus escritos. Ela é bem elucidativa de sua maneira de pensar e escrever, oferecendo uma chave de leitura para as demais redações. Assim a última redação – a mais curta de todas – viria primeiro. No restante, seguiremos a ordem cronológica.

Além disso, encontrei em seu computador outros documentos relativos ao presente livro. Diversas páginas com anotações que fez de livros de Moingt e de Juan Luis Segundo. E também uma *Bibliografia para o livro em construção*. No seu último retorno da Paraíba ainda trouxe uma caixa de livros que entrariam nas referências. Na sua estante separou e marcou os livros que seriam citados nas referências. Quem conhece os escritos de Comblin sabe o quanto ele é cuidadoso e muito bem fundamentado para fazer as referências e notas de rodapé de seus livros. Assim, em anexo segue a bibliografia que ele começou a elencar e nós continuamos, acrescentando os títulos separados em sua estante.

Eis aí a sua obra qual sinfonia inacabada. Você, José Comblin, a deixou inacabada porque terminou a sua Jornada terrestre. Que nós não a deixemos inacabada por abandono do Caminho!

Obrigada, José Comblin, pelo seu legado. Você nos entrega a missão de levar adiante a Tradição de Jesus, como discípulos e missionários.

Obrigada pelo seu exemplo de discípulo LIVRE, FIEL e PERSEVERANTE! Obrigada pela sua cumplicidade com o ESPÍRITO na transmissão da TRADIÇÃO de JESUS!

Barra, Bahia – Páscoa de 2012

Tributo ao Pe. José

**Dom Frei Luiz Flávio Cappio, ofm
Bispo Diocesano de Barra, BA**

Recordar Pe. José é fazer a memória de um homem de Deus. É tornar presente alguém que viveu intensamente a vida com tudo o que ela tem de belo, com tudo o que ela possui de triste. Pe. José viveu a vida abundante. Recordar Pe. José fortalece e dignifica o nosso viver. Escrever sobre Pe. José é fazer a lembrança de um amigo. Lembrar experiências vividas ao lado de uma pessoa que, por onde passou, deixou rastro de luz, semeou o bem, floriu em saudades.

Tive vários contatos com Pe. José em encontros e palestras que proferiu aqui, ali e acolá. Lia com fervor de discípulo os seus livros. Meditava o que ele escrevia. Mas minha primeira experiência com esse homem de Deus, em que nós nos encontramos como irmãos e amigos, foi em Sobradinho por ocasião do meu segundo jejum de 24 dias em protesto ao Projeto de Transposição de Águas do Rio São Francisco.

Estava alojado na capela dedicada a São Francisco de Assis. Sentia uma angústia profunda em vista da morte iminente. Diante de nós tínhamos o projeto monstruoso e insano do governo federal. Lá estavam acampados diversos membros de movimentos sociais, nações indígenas, remanescentes quilombolas. Grupos que representavam vários segmentos da sociedade civil brasileira. Todos se esforçavam em fazer desse momento a “celebração da vida”. Eram muitas as visitas que lá chegavam, manifestando solidariedade e sofrendo conosco. Também eram diversos os curiosos que apenas queriam tirar proveito próprio com suas

presenças. Os momentos de oração e da Eucaristia eram como oásis no deserto.

Nesse clima de luzes e de cruzeiros, Pe. José chegou. Discreto, silencioso, sorriso tranquilo nos lábios, olhar profundo através do qual transmitia serenidade e confiança. Permaneceu vários dias conosco. Sempre ali. Presença silenciosa, discreta, que despertava muita sinceridade, muita verdade, muito acolhimento. Conversávamos bastante. Sempre que podia estava perto dele.

Na singeleza de suas palavras, eu sentia a firmeza e a determinação de assumir de verdade um gesto que ele chamava de “profético”. Dava-me exemplos de homens e mulheres que, ao longo da história, foram fiéis às moções do Espírito para a construção do Reino de Deus - Reino de Justiça e Verdade. A presença de Pe. José e os diálogos que com ele mantive em Sobradinho foram muito importantes na alimentação e manutenção da mística que me fazia determinado em levar adiante aquele gesto tão exigente e difícil. Era meu anjo protetor na fornalha ardente.

Entre nossas conversas fiz-lhe a proposta de vir a Barra, caso eu permanecesse com vida. No início apenas um convite para uma visita fraterna. Não podia imaginar a possibilidade de lá residir. Depois, devagarzinho, o discernimento de uma possível mudança para lá. Percebi que seus olhos brilhavam com o convite.

Barra é uma cidade bela e antiga. Debruçada nas barrancas do Rio São Francisco e do Rio Grande. Cidade pequena e tranquila. Grandes homens e mulheres lá nasceram ou por lá passaram. Cidade que tem história, cultura e tradição. Cidade de um povo maravilhoso: pobre nas condições de vida, rico, porém, em dignidade e vivência da fé. Percebi que Pe. José cada vez mais se animava com a possibilidade de ali viver. Apenas tínhamos dúvida se sairíamos com vida daquela experiência terrível.

A primeira visita de Pe. José à Barra se deu na Semana Santa de 2008, juntamente com Monica e as irmãs de Sobradinho. Vivemos momentos belíssimos de celebrações e convívio fraterno. Tivemos diálogos muito ricos. Já não tínhamos mais as sombras do fantasma da morte. Foi uma convivência fraterna e amigável. Vivemos uma verdadeira Páscoa da Ressurreição do Senhor Jesus. Senti que Pe. José ficou tocado pela Barra e por aqueles que ali estavam. O convite de ali residir era sempre reiterado. Até que decidi de ir morar conosco.

Quando Pe. José chegou à Barra, acompanhado por Monica, sua “fiel escudeira”, oferecemos-lhes a chácara para morarem (casa construída por D. Orlando Dotti quando bispo da Barra para ser a residência dos bispos que pela diocese passassem). Um lugar muito agradável, calmo, tranquilo, onde encontrava inspiração para seus escritos. As refeições eram feitas em comum em nossa residência na cidade. Nessas ocasiões, nossos diálogos eram amenos, sempre alegres e

descontraídos. Conosco estavam Irmã Irene, religiosa já idosa que mora conosco, Dona Ana que preparava as refeições e Vilma que cuidava da limpeza da casa e mais pessoas que chegavam e nos faziam companhia.

Pe. José, embora com dificuldade, gostava de ouvir o que todos diziam. Estava atento a tudo. Tudo era por ele observado. Sempre com a sombra de um sorriso nos lábios. Sempre discreto e silencioso. Participava de tudo. Vez por outra, diante da comicidade da situação, dava aquela risada gostosa, mas sempre comedida. Era como alguém que ali estava inteiramente, mas ao mesmo tempo habitasse em outra realidade muito maior, para onde sua cabeça privilegiada e seu coração colossal o transportavam. O “aqui agora” e o “ainda não” se encontrava naquele coração que era de Deus.

Sempre que tínhamos oportunidade sentávamos no alpendre e conversávamos fraternalmente. Seus assuntos eram sempre sobre questões eclesiais. Eu sentia que ele possuía um imenso amor à Igreja e por isso fazia críticas severas a tudo aquilo que a desfigurava. O Reino de Deus e os pobres eram a corda fina de seu coração, a menina de seus olhos. Sempre voltava o assunto, a Jesus e seu santo modo de agir. A prática de Jesus era sempre seu referencial. Suas opiniões e assertivas eram sempre a partir de Jesus. Ironizava situações e era duro nos comentários que fazia a respeito de pessoas e fatos que desfiguravam o testemunho que deveriam dar de Jesus. Gostava de dar exemplos a partir de seus ídolos: Dom Helder Camara, Dom Oscar Romero, Mons. Leónidas Proaño, Pe. Ibiapina, Pe. Cícero – santos de sua devoção. Possuía um grande amor e reverência a São Francisco de Assis.

Celebrávamos diariamente às 18.00h na capela de nossa casa, na companhia de algumas pessoas. Momento lindo, cercado de muita simplicidade e singeleza, mas muito rico e profundo. Pe. José, Frei Benjamim, capuchinho de 89 anos que mora na Barra, e eu. Tanto um quanto outro gostava que eu presidisse a celebração. Eles concelebravam com muita piedade e reverência. Pe. José gostava de usar a túnica branca que Ihe havia presenteado. Suas estolas eram lindas, coloridas, que recebeu de presente em suas andanças pela América Latina. Não se importava tanto com as cores litúrgicas do dia a dia. Ia ao essencial. Vivia o que celebrava. Celebrava o que vivia. Por isso, suas estolas possuíam todas as cores, irradiavam vida.

Frei Benjamim se tornou seu grande amigo. Um ano mais velho que Pe. José, sofreu muito com sua morte e ainda hoje o lembra com saudades. Depois da missa tomávamos nossa sopa com torradas que dona Ana ou Monica nos preparava. Parecia que esta singela refeição era a continuação da celebração. Momento gratificante de muita reverência. Era a conclusão de nosso dia em comum. Depois nos separávamos. Pe. José retornava à chácara e eu, aos meus afazeres. Nossas

refeições em comum eram cercadas de alegria e boa convivência. Em alguns momentos, datas especiais e importantes, ele convidava-nos para fazer uma refeição na chácara. Sempre tinha um bom vinho para nos brindar – chileno ou das vinícolas do São Francisco. Sentia que para ele esse era um momento celebrativo de muito significado. Como Jesus, valorizava as refeições em comum.

Desde quando Pe. José chegou a Barra, fiz questão que participasse de todas as nossas reuniões diocesanas. Fez uma boa amizade com os padres e sempre estava presente nas reuniões do Conselho de Presbíteros, do Conselho Diocesano de Pastoral e em outras reuniões. Sua participação era sempre discreta e atenta. Depois, apenas com ele, pedia que relatasse suas observações. Suas opiniões eram sempre muito acertadas e enriquecedoras. Ajudava muito no encaminhamento das questões.

Sentia que gostava de viajar comigo para as comunidades do interior para celebração das crismas ou outras atividades. Por isso sempre o convidava. Ele, sempre que podia e suas condições permitiam, fazia-me companhia. Muito ajudava na paróquia da catedral de Barra. Pe. Antonio, o pároco, sempre o convidava para as celebrações aos domingos. Fazia visita aos enfermos na companhia das ministras e os atendia em confissão e lhes dava a Eucaristia. Era muitas vezes solicitado para participar e fazer uma reflexão nessa ou naquela reunião de pastoral ou movimento da paróquia. Fazia todo com muito zelo e simplicidade.

Foi neste contexto tranquilo, fraterno e cheio de Deus que Pe. José começou a escrever esta preciosa obra que agora temos a alegria de apresentar. Presumo que tenha assumido em escrevê-la como se fosse seu testamento espiritual, o resumo de todos os seus escritos em vida, sua maneira de pensar, de acreditar, de amar a Deus e a seus semelhantes. Sua forma de ser Igreja e de dizer ao mundo o conteúdo de tudo o que lhe deu razão de viver, ser cristão, sacerdote, teólogo, missionário e profeta do Senhor.

Do nascer ao pôr do sol, lá estava em seu computador escrevendo, com uma porção de livros abertos ao seu redor para consultas, indo e voltando nas linhas e parágrafos, costurando idéias, reformulando conceitos, descobrindo novas luzes. Sempre empolgado com Jesus e seu santo modo de agir, sempre irado com tudo o que a história construiu em contradição com a fonte em que sempre bebeu – a do Evangelho. Escreveu várias versões do mesmo texto. Parece que ainda não havia chegado ao que queria de fato. Como o pintor que se esmera na última pincelada, como o músico que busca o acorde final, como o cantor e poeta que procura no recôndito da alma a rima ideal do verso maior de sua vida, Pe. José escrevia a obra-prima de sua existência.

Não conseguiu chegar ao fim. O Paizinho do Céu o chamou antes de colocar

o ponto final naquela que seria a escultura de seu pensamento teológico. Mas nós agradecemos da mesma forma a Pe. José. Deixou os alicerces e as paredes construídas. Apenas faltou a cobertura da morada de suas crenças. Teremos o maior respeito pelo que deixou e tentaremos, por tudo o que dele conhecemos, mergulhar em sua utopia.

Estávamos preparando a comemoração de seus 90 anos. Sempre lhe perguntava como gostaria que fosse essa comemoração. Iria coincidir com o centenário da Diocese – 2013. Sei que conversava com Monica a respeito. Mas não havíamos chegado ainda a uma conclusão de como deveria ser essa comemoração. Só sei que iríamos comemorá-la como Pe. José merecia.

Certa vez me fez uma proposta: a de criar a Escola de Formação Missionária na Diocese. Confesso que levei um grande susto. Já conhecia as escolas, pois, desde a fundação da primeira escola de Juazeiro, havia alunos da diocese de Barra. Sempre em nossas reuniões diocesanas falávamos da necessidade de criarmos uma escola para a formação de nossos leigos e leigas. Essa proposta veio de encontro a um projeto antigo da diocese. E agora chega a proposta de Pe. José.

Esse foi o assunto das próximas reuniões: Conselho de Presbíteros, Conselho Diocesano de Pastoral. Todos foram unânimes em acolher a Escola de Formação Missionária da Diocese de Barra. Sob a orientação de Pe. José e Monica fundamos a caçula das escolas que funciona em Brotas de Macaúbas, no recinto da Casa Santo Afonso, criada por Mons. João Cristiano, e que também tem a finalidade de formação de lideranças leigas para atuarem nas comunidades. Monseñor João Cristiano, benemérito de nossa diocese, em 3 de dezembro de 2011 completou 50 anos de profícuo e abençoado sacerdócio. A Escola teve início em janeiro de 2011. Pe. José permaneceu os 30 dias junto aos alunos.

Merece destaque nessa memória seu último mês de vida. Pe. José me havia convidado para orientar o retiro espiritual para os coordenadores das várias escolas. Esse retiro aconteceria em Mogeiro – Paraíba, nos dias de carnaval de 2011. Saímos de Barra e fomos de carro conduzido pela exímia motorista Monica. Durante a viagem rezávamos e conversávamos. Viagem aprazível, muito tranquila. À noite dormimos em Santa Maria da Boa Vista – Pernambuco. O padre da paróquia local e as irmãs nos receberam com muito carinho.

No dia seguinte almoçamos em casa de duas antigas amigas nossas na cidade de Monteiro – Paraíba. Ficaram felicíssimas com nossa visita – Pe. José sempre muito jovial. Passamos pelo convento franciscano de Lagoa Seca, próximo de Campina Grande, e no final da tarde chegamos no Santuário de Santa Fé onde descansam os restos mortais de Pe. Ibiapina. Fomos recebidos com muita hospitalidade pelo Pe. José Floren e pelas queridas irmãs. À noite celebramos missa no Santuário – era a primeira sexta-feira do mês de março de 2011.

No dia seguinte, Pe. José nos mostrou todo o espaço – ninguém poderia imaginar que seria sua última passagem por locais tão queridos por ele. Recebemos a visita do senhor bispo de Guarabira, Dom Lucena, e juntos plantamos árvores para deixar de lembrança por nossa passagem. Mostrou-me o cemitério ao lado da capela mortuária de Pe. Ibiapina – local onde hoje descansa ao lado de seu grande mestre. Em menos de um mês estaríamos de volta para depositar Pe. José neste lugar que ele tanto amava.

Em seguida rumamos para Mogeiro e iniciamos o retiro espiritual. Pe. José estava sempre presente de forma silenciosa e discreta, como era sua maneira de ser. Em muitos momentos eu pedia sua orientação. Deixava que o Espírito Santo conduzisse o retiro.

Na 3^a-feira de carnaval, ao termino do retiro, voltei para Barra, e ele permaneceu na Paraíba. Hoje sabemos o porquê. Para se despedir dos lugares que tanto amou em vida e onde marcou profundamente com sua presença: a Igreja das Fronteiras em Recife, o túmulo de Dom Helder em Olinda e os lugares sagrados de Pe. Cícero em Juazeiro do Norte, onde ele celebrou a sua última missa dominical, na Praça do Romeiro, no dia 20 de março.

Retornou para Barra para celebrar seu aniversário. Era em Barra que queria completar seus 88 anos de fecunda vida. Fizemos um almoço bem gostoso, de tudo o que ele gostava de comer. Estávamos reunidos os padres, irmãs e alguns amigos leigos da Barra. Pe. José estava muito feliz e estampava um sorriso esplendoroso nos lábios. No final da tarde, como de costume, celebramos a Santa Missa. A última que celebrou em Barra. A última missa de sua vida.

Veio com Monica para Salvador, para se submeter a uma revisão médica. Foi acolhido com toda a fraternidade pela nossa querida Gisa no Recanto da Ressurreição. Na manhã de domingo, dia 27 de março de 2011, silencioso e discreto, como sempre, numa manhã nublada, de garoa fina, parte para a casa do Pai. Ressuscita no Recanto da Transfiguração.

Entre sorrisos e lágrimas, em meio à dor e alegria da fé, celebramos a Missa de Corpo presente. No dia seguinte acompanhamos seu féretro até Santa Fé na Paraíba. Seu corpo foi velado na Capela do Santuário entre comoção e lágrimas de tantos que o amaram em vida e que tiveram a oportunidade de lhe dar último adeus. No dia 29 de março, numa magnífica celebração eucarística, fizemos a despedida de nosso querido amigo, mestre, irmão, pai, Pe. José Comblin.

Deus o abençoe, amado irmão, e de junto de Jesus, que você tanto amou e tão bem serviu em vida, abençoe-nos também. Junto ao corpo inerte de nosso amigo, no momento de ação de graças da missa de despedida, proferimos nossa oração:

Querido Padre José,

neste momento quero agradecer. Agradecer por sua perseverança. Até o fim. Só você sabe e mais ninguém o quanto lhe custou essa perseverança, na fidelidade, na humildade, no silêncio, na discrição. Até o fim. “Quem perseverar até o fim, esse será salvo”. Obrigado, meu amigo, pelo seu testemunho de homem fiel!

Quero pedir agora, a você, que está tão perto de Deus, que conceda a seus amigos aqui da terra que, como você, sejamos fiéis a Jesus. Sempre fiéis a Jesus. E a seu Evangelho. Você foi muito fiel a Jesus. Muito. O Evangelho foi escrito no seu coração com letras de ouro, e você o testemunhou de maneira bonita, simples, silenciosa, mas com os arroubos do profeta. Obrigado por seu testemunho de fidelidade a Jesus e a seu Evangelho.

Também quero pedir que você, junto de Deus, rogue por seus amigos da terra para que sejamos fiéis ao povo de Deus. E dentre o povo de Deus, de modo carinhoso, como você testemunhou, os pobres, os pequenos, os sem voz, sem vez, sem nada. Mas que são cheios e ricos de Deus. E você assumiu esse compromisso evangélico de servir os prediletos de Jesus que são os pobres deste mundo. Ensina-nos, Padre José, e ajuda-nos a fazer como você fez!

Versão 5

**O Espírito Santo
e a Tradição de Jesus***

Apresentação 31

Introdução 35

1. O mundo visto desde o ponto de vista católico 36
2. O futuro previsível da Igreja no Ocidente 38
3. A vinda de Deus e a religião 43

Primeira Parte

A Tradição evangélica

Capítulo 1:

As origens 53

1. Os testemunhos do Novo Testamento 54
2. A Igreja dos mártires 60
3. A Igreja dos monges 61
4. A mística oriental 64
5. O milagre irlandês 71

Capítulo 2:

A cristandade 74

1. Cluny 74
2. Cîteaux 77
3. Extensão da vida monástica 78
4. Francisco de Assis 81
5. Domingos de Gusmão 87

* Última versão do escrito que deveria constituir seu novo livro. Escreveu as últimas páginas desta parte ainda na véspera de sua morte. Consta que o último acesso foi na tarde do dia 26, tendo salvo o documento pela última vez às 17.07h.

Apresentação

Sou da geração que está passando: a geração que acompanhou o Concílio Vaticano II e toda sua história desde 1965. Fui formado pela geração dos teólogos que prepararam Vaticano II, quando eles eram perseguidos por Pio XII, como Chenu, de Lubac, Congar, Rahner, como estrelas de primeira grandeza.

Procedo do Norte da Europa onde nasceu o catolicismo social, a democracia cristã, o ecumenismo, a teologia do Vaticano II, a Ação Católica, a missão operária. Nessa região, o Concílio Vaticano II foi aceito, salvo algumas poucas exceções embora notáveis. No norte estavam a Alemanha, a França, a Bélgica, a Holanda, a Suíça, a Áustria. Depois da grande Revolução Cultural do Ocidente em 1967/68, as Igrejas do norte da Europa fizeram opção pela fidelidade ao Concílio e buscaram adaptações a essa Revolução Cultural. Buscaram um retorno ao evangelho, assumindo o fim da cristandade. Mas tiveram que conviver com a oposição de João Paulo II e de um episcopado que refletia as opções dele.

Do lado oposto ao norte, estavam as Igrejas do sul e do leste da Europa – a Espanha, Portugal, a Itália, a Croácia, a Eslovênia, a Eslováquia, a Hungria, a Polônia. Ali as Igrejas foram aliadas do fascismo, apegadas ao ideal de cristandade, sem nenhuma conexão histórica com o temário do Vaticano II, salvo alguns setores da Itália do Norte. A entrada no Império Soviético com a perseguição religiosa confirmou o fechamento a tudo o que havia no norte. Nessa região, o Concílio Vaticano II não fazia sentido e, consciente ou inconscientemente, não foi aceito. Diante da Revolução Cultural do Ocidente, as Igrejas fecharam-se ao Concílio e alimentaram a ilusão de um retorno à cristandade, sonho apoiado e confirmado por João Paulo II.

Diante do Vaticano II, as Igrejas latino-americanas dividiram-se. A imensa maioria não tinha participado da preparação do Concílio. Eram fiéis ao catolicismo colonial, reforçado pela romanização efetuada por Pio IX e os seus sucessores. A influência romana foi muito forte. O Pio Latino, onde se formavam os líderes dos episcopados, transmitia o catolicismo romanizado. Com certeza, a maioria dos bispos latino-americanos deixou-se empolgar pelo ambiente otimista do Concílio e votaram tudo. Mas não se davam conta das consequências. Voltando para a sua diocese tradicional, muitos foram recuperados.

Porém, houve dois fatos que influíram de maneira imprevisível. Apareceram duas minorias muito ativas, ambas influenciadas pelas Igrejas do norte da Europa. O grande precursor foi o padre Alberto Hurtado, jesuíta chileno, criador de movimentos intelectuais e sociais semelhantes aos movimentos do norte da Europa. Tinha estudado na Bélgica e na França. O seu livro de 1941, *Es Chile um país católico?*, já dizia sobre o Chile o que Henri Godin escreveu pouco depois no seu livro *France, pays de mission*. O padre Hurtado mudou o clima da Igreja chilena. Foi canonizado. Morreu em 1952, jovem ainda. Mas foi seguido por um grupo de bispos que foram os Santos Padres da América Latina. Na frente estiveram dom Manuel Larraín do Chile e dom Helder Camara do Brasil. Com eles houve bispos de quase todos os países. Entre eles estavam dom Leónidas Proaño de Riobamba, Equador, dom Samuel Ruiz de San Cristobal de Las Casas de México, dom José Dammert de Peru, dom Ramon Bogarín de San Juan Bautista de las Misiones do Paraguai, aos quais se juntou dom Oscar Romero. No total precisaria citar pelo menos 30. Com eles houve também sacerdotes. Todos se inspiraram nos movimentos do norte, Ação Católica, democracia, opção pelos pobres. Eles eram numericamente uma pequena minoria, muitas vezes incompreendidos dentro da própria conferência episcopal. Mas sabiam o que queriam. Por iniciativa de dom Manuel Larraín e com o apoio de dom Helder Camara fizeram a Conferência de Medellín com o seu programa de aplicação do Concílio para a condição especial de América Latina. Desde então há uma forte minoria que mantém o espírito de Medellín e conseguiu que pelo menos teoricamente o episcopado se declarasse sempre fiel a Medellín.

O segundo fato foi que se encontraram jovens teólogos totalmente independentes uns dos outros que tinham estudado no norte da Europa e romperam com a tradição romanizada, introduzindo a teologia preparatória do Vaticano II. Com os instrumentos intelectuais da teologia crítica do norte, emanciparam-se da tradição colonial das suas Igrejas. Encontraram-se na América Latina em várias reuniões internacionais e descobriram que formavam uma mesma tradição. O livro de Gustavo Gutiérrez, *Teología de la liberación* (Lima, 1971) deu o nome ao movimento. Os teólogos encontraram-se em conformidade com os Santos Padres da América Latina, e estes se reconheceram nessa teologia que os ajudou a se libertarem da teologia europeia e, sobretudo, romana.

Bispos e teólogos formaram uma segunda frente dentro da Igreja latino-americana. Eram numericamente muito minoritários, mas eram os únicos que tinham um programa para aplicar Vaticano II. Além disso, com a fundação da CLAR, a maioria dos religiosos entrou no espírito de Medellín, assim como a maioria dos religiosos na Europa e na América do Norte entrou no movimento conciliar e, por isso, perderam a confiança dos papas. A maioria nos episcopados latino-america-

nos não tinha programa e caiu nas mãos dos movimentos leigos anticonciliares.

Pois, o século XX assistiu à ascensão de movimentos leigos dentro da Igreja. Como o conjunto da Igreja, os movimentos leigos foram diferentes e divergentes. No norte, o que predominou foram a Ação Católica, os movimentos sociais católicos, os movimentos internacionais de intelectuais católicos. Tiveram uma penetração fraca no sul e no leste. Entraram na América Latina com a chegada de sacerdotes procedentes do norte e com o apoio dos bispos Santos Padres e dos sacerdotes que trabalhavam com eles. Sofreram o retrocesso do Concílio em Roma.

Por outro lado, houve os novos movimentos, nascidos sobretudo na Espanha e na Itália: o *Opus Dei*, o movimento neocatecumenal, o movimento focolarino, *Communione e Liberazione*, sobretudo. Esses movimentos são alheios ao Vaticano II, nascidos antes do Concílio, mas totalmente alheios aos movimentos teológicos ou pastorais que geraram a doutrina de Vaticano II. Foram o refúgio de todos os que não podiam inserir-se no movimento conciliar.

Politicamente, esses movimentos se situam numa direita radical com tendência para o fascismo. Na América Latina apoiaram as ditaduras militares. Tiveram um grande desenvolvimento na América Latina. Contaram com o apoio de João Paulo II e de Bento XVI que descobriram neles um substituto dos religiosos para promover a política da Cúria Romana. Na América Latina nasceram movimentos semelhantes, igualmente radicais, defensores dos governos militares. Foram direitistas mais radicais do que os movimentos europeus: os Legionários de Cristo nascidos no México, Sodalicia nascido no Peru, Verbo Encarnado nascido na Argentina, Tradição-Família-Propriedade nascido no Brasil, com o ramo mais jovem nascido mais recentemente, os Arautos do Evangelho, são os mais importantes, e todos já são internacionais. O conjunto desses movimentos constitui a principal força social e política da Igreja na atualidade. Gozam do apoio da Santa Sé, têm influência na Cúria Romana, já têm bispos em quase todos os países e exercem uma força de chantagem nos episcopados.

Ao lado disso chegou dos Estados Unidos o movimento carismático, novidade total num continente que sempre tinha dependido da Europa. O movimento carismático introduziu na América Latina uma tradição pentecostal que até 1970 estava presente somente no mundo protestante. O movimento carismático não tem programa político, fato tipicamente norte-americano. Mas na prática defende os partidos que se identificam com a moral sexual católica. O movimento carismático é numericamente o mais importante na Igreja Católica, sobretudo no Brasil. Mas propaga um cristianismo muito espiritualista, no qual a humanidade de Jesus não se contempla. A fé confunde-se com a emoção religiosa com muita afetividade. O Espírito Santo não mostra o caminho de Jesus neste mundo, mas favorece os seus devotos de favores individuais de tipo muito afetivo. Face ao

formalismo do ritual católico, o movimento carismático só pode fazer sucesso. Mas pode-se perguntar se a longo prazo não fica confinado numa religiosidade superficial.

Chegando à América Latina depois do apelo de Pio XII pedindo padres para América Latina supostamente ameaçada pelo comunismo, como quase todos os padres do norte da Europa, eu entrei na minoria que se identificou com Medellín. Inclusive uma parte dos italianos e dos espanhóis fez a mesma opção. Mas nunca os padres que vieram do leste europeu e que se sentiram à vontade no catolicismo colonial. Como não ia encontrar-me no Chile com dom Manuel Larraín? Como não iria entrar no grupo dos colaboradores de dom Helder? Como não ia ser chamado por dom Leónidas Proaño, de Riobamba no Equador? Isto para citar os três países em que mais estive presente. Estava escrito. Conheci todos os bispos Padres da América Latina. Estive com 17 deles quando foram presos em Riobamba em 1976. Estive oito anos na diocese de Talca no Chile com o bispo dom Carlos González C., que era primo do padre Hurtado. Tive muitos amigos entre os padres que fundaram a linha pastoral de Medellín. Estive no primeiro grupo de cinco teólogos que se reuniram desde 1963, núcleo daquilo que devia ser mais tarde a teologia da libertação. Tínhamos todos estudado a mesma teologia!

Agora sou da geração que está saindo. O mundo mudou. América Latina mudou. A cristandade está se apagando no mundo urbano latino-americano. O catolicismo tradicional deixa de se transmitir pela família, como sempre foi. Há dois caminhos entre os quais será necessário escolher. Há o caminho do êxito fácil que é o caminho do neopentecostalismo e do movimento carismático católico. É o caminho da religião da felicidade num mundo desequilibrado. Sem rumo, que vive no imediato porque já não tem mais futuro, não sabe o que pode acontecer. Essa religião é aquela que dá satisfação imediata, liberta de um mundo sem significado. Esta religião oferece um amor fácil, barato, de um Deus sempre disponível, graças ao uso de técnicas adaptadas ao mercado religioso. A religião adapta-se ao mercado. Ela oferece produtos de felicidade. Para os funcionários de uma religião, as receitas são infalíveis.

Essa religião não é desprezível. Oferece consolo aos desamparados, e hoje em dia entre as novas gerações há muitos desamparados. Essa religião está prestando um grande serviço como sempre fizeram todas as religiões. Mas o evangelho é outra coisa. Ele traz outra felicidade. Infelizmente não existe receita. É um caminho que é preciso criar em cada caso.

Introdução

Acabo de me apresentar. Nesta introdução quero primeiro explicitar de qual ponto de vista estou enxergando a realidade do mundo e da Igreja. Ninguém tem uma vista panorâmica completa. Todo o mundo vê a realidade desde um ponto de vista inevitavelmente parcial. Esse meu ponto de vista é o que vou explicitar primeiro.

A grande crise financeira de 2008 não significa uma mudança de época. Ela se situa dentro da fase de globalização aberta na década dos 70 do século XX. Ainda poderá haver várias crises dentro desse fenômeno. A crise afetou a economia do Ocidente, mas não afetou da mesma maneira as potências emergentes que continuam na sua trajetória de desenvolvimento científico, econômico, financeiro no sentido da globalização. Ainda não aparecem os sinais claros de uma nova fase histórica, projetada, por exemplo, pelas economias emergentes. O caso do Brasil é exemplar. Nada mudou com a crise. Por enquanto, devemos pensar o futuro dentro desse sistema.

Depois disso nesta introdução, vamos imaginar o futuro próximo a partir dos dados que estão à nossa disposição. Um dia tudo poderá mudar, mas ainda não aparecem fenômenos realmente novos, que sairiam, por exemplo, das potências emergentes. Num primeiro parágrafo veremos a situação do mundo visto desde o ponto de vista da Igreja Católica. Num segundo parágrafo veremos a evolução provável da Igreja nas condições atuais. Tudo será visto em curto prazo, o prazo de uma geração. Em longo prazo, tudo será diferente, porque o centro do cristianismo estará situado no Extremo Oriente e na África negra. O cristianismo da América Latina será majoritariamente evangélico no sentido de protestante pentecostal. Salvo se a Igreja Católica mudar radicalmente, o que não é muito provável. Mas não vamos arriscar-nos a fazer profecias sem fundamento objetivo.

Dentro desse contexto poderei definir o objeto deste livro. Trata-se de compreender o cristianismo dentro da conjuntura atual. O contexto me obriga a partir da distinção entre o evangelho e a religião cristã ou católica. A teologia tradicional não parte dessa distinção, porque na cristandade tudo estava confundido. Não se buscava a distinção entre o que procede de Deus e o que procede dos homens.

O que procede de Deus é a sua vinda na humanidade; Deus vem! Essa vinda é única, permanente, sempre a mesma dentro de contextos muito diferentes. Como é que Deus vem? Esse é o objeto de uma teologia cristã. Somente Deus define o modo como vem entre os homens.

Mas dentro da história do cristianismo há toda a história de uma religião muito complexa que variou muito no decorrer do tempo. A vinda de Deus é anunciada pela Igreja dentro do contexto de uma religião, naturalmente feita pelos homens. A religião são os homens buscando a Deus. Os discípulos de Jesus anunciaram a vinda de Deus dentro do sistema religioso da busca de Deus pelos homens no seu contexto cultural, feito sobretudo da história de Israel e do livro ao qual damos o nome de Antigo Testamento. Daí deriva uma série interminável de ambiguidades. A religião varia porque a humanidade muda e toda a cultura humana muda. A distinção entre a vinda de Deus e a religião cristã será explicitada no terceiro parágrafo deste capítulo.

1. O mundo visto desde e ponto de vista católico

Desde o ponto de vista romano, uma palavra resume a situação atual: relativismo. Desde o ponto de vista romano, a submissão à Igreja Católica como às outras Igrejas cristãs tradicionais, está em plena decadência. Muitos descendentes de católicos perderam o contato com a Igreja na qual foram batizados e muitos a rejeitam abertamente. A maioria ainda permanece fiel ao rito de nascimento e de morte, muito menos ao matrimônio religioso. Muitos escolhem as verdades em que acreditam ou não acreditam, sem se referir ao magistério da Igreja, mas porque alguns dogmas lhes parecem melhores e outros piores, alguns agradam e outros não agradam. A imensa maioria abandonou a participação aos sacramentos e somente conhece a organização eclesiástica pelo que mostra a TV. Perdeu-se o sentido tradicional da verdade. A verdade é o que agrada. Não existe mais a obediência às autoridades eclesiásticas.

Muitos misturam crenças ou gestos religiosos cristãos com crenças ou ritos de outras religiões ou de seitas esotéricas. Seria uma desintegração da consciência religiosa. As raízes desta destruição da religião cristã católica estão no advento da Modernidade que impõe aos cidadãos outras prioridades e marginaliza as antigas prioridades religiosas. Estão também na liberdade de pensamento e de expressão que permite a crítica das crenças tradicionais e a submissão à autoridade da Igreja. Oficialmente, a Santa Sé não se atreve mais a criticar a democracia, mas no segredo da consciência, estão com saudades das antigas monarquias católicas, dos Estados fascistas ou dos governos militares como na América Latina.

Os mais atrevidos não hesitam e acusam o Concílio Vaticano II que reconhe-

ceu a liberdade religiosa e consagrou a democracia. Muitos não se atrevem a dizê-lo publicamente, mas estão convencidos pessoalmente. Essa acusação se expressa habitualmente na fórmula de que o Concílio foi mal interpretado e que é preciso retificar o que foi mal entendido. Já era a tese do cardeal Ratzinger na véspera do Sínodo especial de 1985 que devia retificar as falsas interpretações de Vaticano II.

As raízes mais remotas do relativismo estariam na Reforma do século XVI que se rebelou contra o magistério romano e rejeitou muitos dogmas da Igreja Católica. A Reforma iniciou o movimento de desobediência ao magistério romano. Daí a resistência ao ecumenismo. Em Roma procuram reduzir o ecumenismo a boas relações de cortesia. Não imaginam que o ecumenismo poderia exigir que a Igreja Católica tivesse que fazer concessões.

Quanto a essa maioria de batizados que perderam contato com a instituição católica, não têm o sentimento de terem perdido algo importante na vida. Sem ato de rejeição um dia descobriram que tinham perdido todo contato com a paróquia, com o vigário. Não se lembram dos dogmas que estavam no catecismo e não se lembram do significado que podiam ter os sacramentos. Não rejeitam a sua antiga religião, mas acham que ela não tem nenhum interesse. A religião não está relacionada com a sua vida. Um dia descobriram que a religião católica não lhes dizia nada para a sua vida. Descobriram que estava vazia. Não houve nenhum drama, nenhum debate interior. Alguma coisa apagou-se.

A pedofilia de tantos padres escandalizou alguns, mas não foi o motivo do afastamento. Foi apenas uma oportunidade para descobrir que já não estavam interessados pela religião católica. O que excitou o nervosismo de muitos foi o radicalismo com que a Igreja defendeu a tese de que as leis do Estado deviam confirmar a moral católica em matéria de sexo: divórcio, homossexualidade, aborto. As leis da Igreja devem valer para todos, católicos ou não católicos, porque a Igreja Católica é dona da moral natural, válida para todos, e deve impor essa moral natural a todos.

Muitos não entendem por que o papa teria, ele só, o conhecimento da moral válida para todos os homens, independentemente da religião cristã. Por que o papa tem o direito de definir a moral para todos os seres humanos e todas as religiões ou filosofias? Não sabem como e quando o papa recebeu esse conhecimento. Qual seria a revelação que recebeu? A esse respeito, já que não se trata da revelação que lhe veio de Jesus, o papa teria que explicar melhor como e quando recebeu uma revelação da moral natural válida para todos, independentemente da religião católica.

No entanto, há outra interpretação do relativismo contemporâneo. Trata-se do avanço do sentido da liberdade dentro das sociedades democráticas. O avanço

das ciências significou o avanço do espírito crítico. As pessoas que terminaram o segundo grau da educação formal ou o terceiro grau já adquiriram algo de espírito crítico. Não aceitam mais a pura obediência cega a um magistério. Também querem entender alguma coisa dos dogmas que devem aceitar.

Ora, a grande maioria dos católicos batizados ignora a Bíblia. Eles não sabem o que é o evangelho, o que Jesus veio fazer e dizer aos seres humanos. Somente aprenderam um dia fórmulas do catecismo que não dava para entender e menos ainda para relacionar com a vida de cada dia. Além disso, as condições de vida mudaram. Até há pouco tempo, para as massas analfabetas ou quase, Deus era a explicação de tudo: da paz e da guerra, da chuva ou da seca, das enchentes ou dos terremotos, da saúde ou da doença, dos acidentes e da salvação dos acidentes. Para tudo era preciso invocar a Deus ou agradecer a Deus ou fazer penitência.

Hoje em dia há explicações científicas para os problemas de clima ou os problemas sociais ou os problemas de saúde ou os problemas psicológicos. Existem remédios, mesmo que não possam ainda resolver todos os problemas. Há muita coisa que depende dos seres humanos e não adianta pedir a Deus que faça o que nós podemos muito bem fazer. Não adianta pedir a Deus que faça justiça se os seres humanos não querem justiça e praticam a violência. Com isso, o alcance da religião diminui. O alcance da religião deve ser diferente, de acordo com as condições de vida do mundo atual.

O abandono da religião é o abandono de um tipo de religião, de uma religião adaptada ao ser humano do neolítico, pré-científico, pré-técnico. Típico é que os homens e as mulheres abandonam a religião ao redor dos 14 ou 15 anos, quando desperta neles a personalidade e o sentido da liberdade, e, ao mesmo tempo, descobrem os rudimentos de uma visão científica do mundo. Para os leigos não há formação cristã depois dessa idade. Partem na vida com conhecimentos religiosos de uma época muito distante deles. A catequese prepara-os para viver no século XVI, mas não no século XXI. Quando descobrem que estão no século XXI, já não recebem nada. Esta situação é aquela que se acha no mundo urbano e em muitas partes do mundo rural em que a cultura urbana já penetra.

Na atualidade vale mais do que nunca o adágio atribuído a Chesterton: o cristianismo não fracassou porque nunca foi aplicado. Podemos dizer: nunca foi ensinado. No passado, muitos praticavam uma religião que não entendiam, porque viviam numa sociedade autoritária na qual a autoridade da família era absoluta. Hoje em dia, a autoridade da família desapareceu quase completamente. Não há mais possibilidade de impor uma religião que não se entende. Há uma minoria que entende, porque tiveram a oportunidade de entrar em círculos de pessoas que viviam o evangelho e puderam transmiti-lo.

Esta explicação parece a muitos melhor do que a outra. Ela implica uma visão mais otimista do gênero humano. Na outra explicação, uma multidão de católicos abandona a Igreja porque são pecadores e deixaram que o pecado prevalecesse na sua vida. Na nossa última explicação, uma multidão de católicos deixou a Igreja porque o cristianismo nunca lhes foi transmitido, já que a transmissão tradicional pela família deixou de funcionar, sobretudo desde a adolescência. Não praticam a religião dos seus antepassados porque não a conhecem, e o que conhecem dela não os interessa.

2. O futuro previsível da Igreja no Ocidente

O futuro não está totalmente determinado pelo presente. Pode aparecer algo imprevisto, assim como foram o Concílio Vaticano II e o pontificado de João XXIII. Claro está que o Vaticano II e João XXIII introduziram forças novas na evolução da Igreja. Romperam a tradição dos papas Pio-s, inaugurada por Pio IX, que foi de oposição radical à evolução do Ocidente nos séculos XIX e XX, durante um pouco mais do que 100 anos. Os papas Pio's queriam salvar, ou melhor dito, recuperar a cristandade atacada pelas forças culturais e políticas dominantes no Ocidente. Face ao mundo, a atitude romana era de oposição e de condenação. Qualquer tentativa de diálogo com esse mundo encontrava oposição em Roma, embora essa oposição não tivesse força suficiente para impedir forças contrárias, pelo menos no norte da Europa. Mas Roma estava convencida de que o mundo de então estava destinado ao fracasso e que um dia teria que voltar para a religião dos seus antepassados. A solução era aguentar firme, sem ceder em nada, na espera da queda do Ocidente democrático. Daí os favores atribuídos ao fascismo. Assim como aconteceu em 1958, pode acontecer algo novo também neste século. Não há nenhum sinal de algo imprevisto neste momento. O que podemos saber é o que está incluído na evolução das forças atualmente presentes.

Vamos partir da visão atribuída ao papa Bento XVI. Numericamente, o decréscimo da Igreja Católica no Ocidente somente pode acentuar-se. A Igreja está destinada a voltar a ser como no início um pequeno rebanho, mas um rebanho firme, fiel, constituindo no mundo um testemunho que somente poderá atrair de novo o mundo como aconteceu no século IV. Essa Igreja seria feita de fortes personalidades no duplo sentido: forte na fé e forte na cultura humana.

Não se podem fazer concessões ao Ocidente atual, porque está destinado a uma decadência inevitável. Não adianta querer salvá-lo: uma civilização sem Deus não pode durar. Entende-se que nessa visão o relativismo é a pior tentação. A Igreja precisa de membros muito firmes, inabaláveis. Não importa o número,

mas importa a firmeza e a constância que nada pode abalar. Essa firmeza tem por modelo a Igreja tridentina, e por isso se explica a atração pela liturgia de Pio V, pelo latim e por tudo o que é tradicional no sentido de tridentino. Esta visão do futuro é muito parecida com o projeto dos novos movimentos europeus ou latino-americanos. Estes movimentos praticam o catolicismo tridentino rigoroso. Estão muito apegados ao formalismo nas crenças, nos ritos e na organização hierárquica. Querem um catolicismo rígido pelo menos nas formas. Querem formar um clero de tipo tridentino, muito apegado às formas: é o modelo dos Legionários de Cristo que oferecem aos bispos um programa de formação sacerdotal totalmente gratuito.

Esses movimentos querem o poder. Querem o poder na Igreja e já o conquistaram em grande parte com a eleição dos dois últimos papas, a influência nas nomeações na Cúria Romana e no episcopado.

Querem o poder na sociedade: no mundo das finanças e da economia, na política, na educação e na universidade. Querem re-cristianizar o mundo a partir do poder político, econômico, cultural. Conquistam sistematicamente as posições de poder. Querem refazer um Constantino, pensando que se pode cristianizar a partir do poder. Esta é a convicção de grande parte da Cúria Romana e, por isso, entre a Cúria e os movimentos há uma sintonia espontânea. Os movimentos já têm boas parcelas de poder nos governos, na economia, na universidade, na educação nacional. Têm um poder financeiro imponente que lhes permite investir na conquista dos poderes. Na América Latina estão atualmente os seus maiores centros de poder no México, na Colômbia, no Peru, no Chile, na Argentina (embora na oposição política até 2011). Em outros países como no Brasil, a sua presença não é desprezível. No projeto do papa não está a conquista do poder na sociedade. No entanto, com quem poderia contar para o seu programa a não ser os movimentos? Tendo que contar com eles, ele pode ser levado aonde não queria ir. O tempo nos dirá a resposta.

Para os movimentos carismáticos, o futuro é a continuação do presente. Mais do presente, mais do mesmo, mais multidões, mais canções, mais aplausos, mais audiência, até que um dia apareça um carisma ainda mais carismático. E não há outro projeto, a expansão do movimento é a nova evangelização.

Mas, há outra perspectiva vivida por grupos de católicos. Seria o projeto de voltar à simplicidade das origens. Seria deixar de lado tudo o que foi acrescentado, sobretudo desde Constantino, e recomeçar tudo de novo. Não é um sonho tão extraordinário. Todas as fundações monásticas ou religiosas na história quiseram recomeçar tudo de novo desde a simplicidade do início.

Era o sonho de dom Helder na famosa carta que enviou ao papa Paulo VI, propondo algumas mudanças nesse sentido. O cardeal Villot, secretário de Estado,

ficou encarregado de responder e escreveu: “Dom Helder, o Sr. deve entender que já não estamos no 1º século”. Não sabemos se o cardeal, que não era tão amigo de dom Helder como o papa, usou as próprias palavras de Paulo VI.

É um desafio: como viver a simplicidade do começo num mundo inundado de objetos em supermercados com 100.000 produtos diferentes e shoppings com dezenas de milhares de objetos de luxo? Como viver na simplicidade quando todos os meios de comunicação ocupam 80% das páginas e 50% das emissões para convencer os leitores ou os ouvintes da necessidade de comprar tal produto para viver bem? É um desafio que os séculos passados não conheceram.

No entanto, aparecem muitos grupos de jovens que querem fazer uma tentativa. Vivem despojados de tantos objetos de consumo. Querem viver de novo o projeto da comunidade de Jerusalém, descrita pelos Atos dos Apóstolos, como tantas vezes aconteceu no passado. Em lugar de buscar o poder, buscam a fraqueza. Em lugar de querer conquistar o mundo, querem servir humildemente aos pobres abandonados pela sociedade. Em lugar de grandes assembleias triunfais, querem celebrar a ceia do Senhor em pequenos grupos como naquela Quinta-Feira Santa. Acreditam que esse é o futuro que Deus quer para a sua Igreja e não quer uma nova cristandade conquistando o mundo. São pequenas minorias, mas o seu exemplo estimula famílias e grupos de famílias a viver de modo mais simples, trabalhando por uma sociedade com mais compaixão pelos mais fracos, acolhedora para os excluídos. Oferecem credibilidade à Igreja. Vivem em comunhão aberta com todos os que estão atraídos pelo evangelho, mas não podem ou não conseguem entrar na disciplina de uma organização eclesial semelhante à organização católica atual.

São milhões os que não podem integrar-se no sistema de crenças, de ritos e moral ou de organização eclesial, por mil e umas razões que decorrem da complexidade da vida na sociedade contemporânea. Mas as comunidades não pressionam, não julgam, acolhem como acolheu o pai do filho pródigo. Acolhem todos os pecadores, particularmente os mais desprezados. As comunidades católicas relacionam-se com comunidades de outras denominações cristãs que compartilham o mesmo projeto de vida. Não julgam, não pressionam, aceitam cada denominação com a mesma simpatia, deixando a cada um a liberdade. Todos estão presentes na sociedade e participam da vida social, cada um com as suas capacidades, tendo em vista a libertação dos oprimidos em todos os níveis. Não procuram o poder por ambição pessoal, mas aceitam responsabilidades quando são oferecidas gratuitamente sem concessões à corrupção. Colaboram com todos e todas que querem a justiça neste mundo. Não querem impor as suas próprias convicções.

Não existe modelo para todos os países ou todos os tempos. Tudo precisa ser

inventado no espaço e no tempo. A única constante é que esses católicos não julgam, não impõem, não conquistam, não querem o poder em si ou para a sua Igreja. Mostram na sua maneira de agir que a Igreja não busca o poder para si mesma, apesar de tantas manifestações contrárias. Tais comunidades cristãs serão perseguidas na sociedade e na Igreja. Cada vez que a instituição católica sacrifica a justiça ao poder, cada vez que faz aliança com os poderosos para aproveitar esse poder, haverá conflito, como sempre houve no passado. Tudo isso já está previsto no evangelho e demonstrado desde as origens da Igreja. A perseguição é parte da perspectiva para o futuro.

Essa visão do futuro implica várias mudanças. Em primeiro lugar, supõe a descentralização das paróquias em muitos grupos. Essa descentralização já está prevista na Conferência do CELAM em Aparecida em 2007, mas até agora não aparecem aplicações concretas. O que aparece é a formação de comunidades reunidas pelos movimentos ou pela renovação carismática. Essa descentralização é desintegração. Todos esses grupos se tornam independentes, tanto das paróquias como da diocese, porque estão na dependência de uma entidade central que normalmente está em Roma. Dependem diretamente do papa sem passar pelos bispos ou pelos padres. Tendem a conseguir um clero próprio diretamente ligado a Roma. O que acontece é uma maior centralização: todos dependem agora de uma só diocese.

No modelo descentralizado, as comunidades formam comunidades de comunidades em vários níveis. Seria assim como o projeto das antigas comunidades eclesiais de base, com a diferença de que, na sociedade urbana atual, nem todas as comunidades podem ser iguais porque o princípio geográfico não se aplica sempre, por exemplo, numa cidade feita de altos edifícios de trinta ou mais andares. Quem mora em tais edifícios busca o isolamento e não sente nenhuma comunidade com os vizinhos. Há outros princípios de socialização.

Há vários níveis de comunidade, desde os grupos que se reúnem semanalmente e trabalham em conjunto em obras comuns, até grupos que se reúnem episodicamente a partir de diversos princípios. Todas as comunidades precisam da eucaristia, que é o sinal da comunidade. Será preciso mudar a teologia da eucaristia, voltando ao início. A eucaristia não é como no templo de Jerusalém uma oferta feita a Deus por um sacerdote em nome da comunidade para expiar os pecados ou conseguir benefícios. A eucaristia é o sinal da união da comunidade em Cristo. Cristo une todos os irmãos e irmãs num só corpo que é o corpo dele. Não é oferta da comunidade a Deus, mas oferta de Deus à comunidade para fazer a comunidade. Voltaremos a esse assunto. É o sacrifício da aliança, oferecido por Deus como sinal de aliança, nova aliança.

A catequese de crianças, que foi a criação do catolicismo tridentino, não bas-

ta, e na prática está cada vez menos eficaz. Todos os cristãos precisam de uma formação evangélica profunda, de diversos níveis. Os ministros permanentes da Igreja serão formadores. Hoje em dia com a Internet existem muitas maneiras de dar formação. Sem uma formação equivalente à formação na sociedade civil, comunidades cristãs serão impossíveis. A formação é o desafio prioritário. Os evangélicos entenderam muito bem e já têm uma longa tradição nesse sentido. Ao lado da catequese de adultos, os ministros disponíveis em tempo integral serão também conselheiros espirituais. Há uma imensa necessidade de aconselhamento, porque a vida na sociedade atual é muito mais complexa, e muitos problemas surgem, provocando muitas depressões, muitos desequilíbrios, muitas brigas nas famílias e em todos os grupos sociais.

3. A vinda de Deus e a religião

Os discípulos de Jesus anunciam a vinda de Deus. Anunciaram depois da ressurreição de Jesus e continuam anunciando até hoje. Deus veio em Jesus e continua vindo. A sua vinda é sempre a mesma, porém sempre num mundo diferente, provocando efeitos diferentes. O evangelho é o anúncio dessa vinda. A resposta dos discípulos é a fé pela qual eles acolhem, recebem essa vinda e Deus vem a eles e reside neles. Os discípulos até hoje anunciam a vinda de Deus, aquela mesma que houve quando nasceu Jesus e que se renova incessantemente. Desde então, o evangelho é repetido formando uma longa história do evangelho. Essa história é a Tradição, objeto da fé.

A vinda de Deus tornou-se visível na vida humana de Jesus. O Pai enviou o Filho, e o Filho mostra o Pai. Quem vê Jesus, vê o Pai. Mas o Pai mostra-se também na vida dos discípulos de Jesus que o recebem. Como o Pai se manifestou em Jesus, na vida humana de Jesus, ele se manifestou também na vida dos discípulos de Jesus. Há uma longa história das manifestações da vinda de Deus. Essa longa história é a Tradição. Essa Tradição é o objeto da fé. Pois a fé consiste em reconhecer a presença de Deus lá aonde ele vem. Pelo que o Pai fez na vida humana de Jesus e na vida dos discípulos de Jesus, sabemos como ele é. Não o sabemos em forma de doutrina, mas em forma de história, de fatos vividos.

A teologia cristã é a história das manifestações da vinda de Deus. São fatos reais, fatos vividos. Esses fatos falam mais do que qualquer filosofia ou sistema de conceitos. No passado, sobretudo desde o século XIII, deu-se muita importância a uma teologia escrita, pensada em forma de filosofia com os recursos da filosofia. Essa teologia pode ter o seu valor, mas não é o anúncio do evangelho, não é mostrar a vinda de Deus na realidade humana. A consequência dessa teologia foi o desenvolvimento do magistério da Igreja. Deu-se cada vez mais importância ao

estudo das doutrinas. Mas o magistério não é anúncio do evangelho. Esse anúncio se fez por meio de uma vida vivida no mundo real. A doutrina não mostra a vinda de Deus. O magistério não mostra a vinda de Deus. Mostrar é viver, não falar.

Houve uma época em que Deus se mostrou por meio de palavras: foi o tempo dos profetas. Com Jesus começou a época em que Deus se mostra pela vida realmente vivida e não pelas palavras que dizem a vida. As palavras têm o seu valor quando falam da vida realmente vivida. Assim acontece com as palavras do Novo Testamento. Pois nós não vimos a vida de Jesus. Conhecemos essa vida pelo testemunho dos discípulos. Mas não conhecemos diretamente o testemunho dos discípulos. Os Evangelhos não são os testemunhos dos discípulos. São testemunhos de pessoas que ouviram esses testemunhos. Isso explica a diversidade das expressões verbais dos testemunhos sobre Jesus.

No entanto, apesar da sua diversidade, os livros do Novo Testamento convergem de tal maneira que podemos reconstituir as grandes linhas do testemunho dos discípulos e dos fatos da vida de Jesus. Por isso, os livros do Novo Testamento ajudam a entender a vida dos discípulos de Jesus. Permitem compreender a Tradição da vinda de Deus na nossa humanidade. Há uma convergência extraordinária. Os Evangelhos Sinóticos dão testemunho do anúncio da vinda de Deus. Jesus anuncia o Reino de Deus. Não o anuncia muito por meio de palavras, mas por meio de atos. Pois o Reino de Deus é reino de paz e de justiça. Deus reina sem poder humano, somente pelo poder da compaixão e do amor, cuidando das fraquezas humanas, levantando os pecadores e todos os desprezados. O Reino de Deus desmonta o sistema religioso das classes dirigentes de Israel, dos sacerdotes, dos doutores da Lei. Doravante os pequenos serão os grandes. O Reino de Deus é a libertação dos pobres.

A teologia de Paulo expressa os mesmos temas de outra maneira. Deus escolheu os pobres e os ignorantes e rejeitou os sábios segundo o mundo. Jesus rejeitou todos os poderes e se tornou semelhante a um escravo. A sua morte mostra a sabedoria de Deus que escolheu o que é vil e abandonou todo poder. Jesus ressuscitado incorpora em si os seus discípulos, formando um corpo com eles. Dessa maneira, eles participam da sua glória. Jesus veio suprimir a Lei e ensinar o amor que é o único preceito, porque é a única realidade que sobrevive à morte dos discípulos. O que Jesus faz é o que o Pai faz. Jesus suprime todo o regime do templo: o templo são os próprios discípulos, os sacrifícios são as suas obras no mundo, e os sacerdotes são todos os discípulos. O sistema judaico está totalmente superado, ainda que mais tarde seja parcialmente restaurado na religião cristã.

A teologia de João é a mais explícita a respeito da vinda de Deus, porque diz claramente que Jesus e o Pai são um só, e que o Pai e ele habitam naqueles que vivem o amor de Deus, porque Deus infunde neles o amor que ele é. A oposição ao judaísmo das elites de Israel é a mais radical de todas. A proclamação do úni-

co mandamento é a mais clara de todas. Jesus é rei, mas não é como os reis deste mundo: ele não tem poder e não reina pelo poder, pela força. Já não haverá mais templo, e com o templo cai todo o sistema sacerdotal. Nas três tradições da Tradição encontramos o mesmo agir de Jesus. Encontramos a opção pelos pobres, pelos pecadores, pelos pagãos, a compaixão por todos os rejeitados e excluídos, condenados pela lei imposta pelas elites. Encontramos o confronto com as elites religiosas, e esse confronto vai até a condenação de Jesus pelas autoridades de Israel. A morte de Jesus explica-se pelo ódio das autoridades de Israel. Não aparece como imposição de Deus como sacrifício para expiar os pecados da humanidade, como será interpretado mais tarde.

Como vida humana, a vida de Jesus não é vida cultural. Todas as suas atividades referem-se a realidades profanas: doença, condenação das leis de pureza, comida, água, vinho, política, relações sociais, prática da justiça. Jesus muda as regras de comportamento em vista de mudar a humanidade, fazendo dela um povo unido de irmãos. Jesus prolonga a linha dos profetas, substituindo o culto pela ética. O verdadeiro culto a Deus consiste no amor ao próximo nas suas diversidades de aplicação. Os próprios milagres referidos pelos Evangelhos evocam os milagres que a Bíblia atribui aos profetas, Elias, Eliseu, Moisés. São sinais da sua missão profética que é anúncio do amor aos pobres e não são provas da eficácia dos sacrifícios, como seria dentro de uma religião.

Jesus veio instituir um novo modo de viver, que é a realização do amor que é Deus, o Pai, o Filho e o Espírito Santo que habitam nos discípulos. Trata-se de um modo de viver de leigos, o modo de viver de toda a humanidade. Não veio fundar um novo clero para substituir o antigo fundado pela lei de Moisés. Não mostrou o modelo de uma vida clerical dedicada a um templo. Dentro do modelo vivido por Jesus há muita variedade possível. Jesus não criou uma vida formalizada, mas diversificada de acordo com as circunstâncias que apareciam. Por isso, não existe nenhum formulário da vida de Jesus. Cada discípulo vai ter que inventar, iluminado pela presença das Três Pessoas. A explicação dos textos do Novo Testamento está na vida dos seguidores de Jesus, dos homens e das mulheres que têm fé. Nunca é completa, porque toda vida é particular, limitada no espaço e no tempo. Em cada geração há milhões de interpretações da vida de Jesus, ou seja, dos Evangelhos. A explicação nunca está acabada. Sempre se descobre algo novo, porque o mundo muda sem cessar, e com ele as vidas humanas mudam. A interpretação da vida de Jesus muda. Novas circunstâncias fazem com que apareçam aspectos que estavam escondidos.

Examinando a história da interpretação da Bíblia e da vida de Jesus, estamos surpreendidos por certas interpretações dadas, tão diferentes das nossas hoje em dia. Acontece que o mundo mudou, a vida humana mudou, muito aprendemos e também muito esquecemos. A história da vida dos discípulos de Jesus que quise-

ram viver a mesma vida na sua circunstância constitui a Tradição. Deus revela-se na Tradição, porque a vida de Jesus recebe o seu significado nessa Tradição. Deus continua revelando-se em todos os discípulos que vivem na fé e na esperança e praticam o amor.

Houve e ainda há teologias que são sistemas de palavras que pretendem expressar com palavras a vida de Jesus. Mas as palavras são sempre parciais e são criações de alguns intelectuais. A vida do discípulo é uma criação de Deus na qual ele se revela. Sucede que a palavra é o meio de comunicação mais cômodo. Outro meio de comunicação é a imitação. Procurando seguir o caminho de outro, uma pessoa entende o que vive esse outro muito melhor do que por qualquer livro. Os Evangelhos referem testemunhos sobre a vida de Jesus, mas para compreender esses testemunhos é preciso ver como estão agindo os discípulos de Jesus hoje em dia.

Historicamente, o evangelho transmite-se dentro da Igreja e por meio da Igreja, incluindo nela todos os ramos separados do tronco primitivo, porque eles também transmitem o evangelho, pelo menos de alguma maneira, e neles também vivem verdadeiros discípulos de Jesus. O que transmite o evangelho não é a instituição, mas as pessoas que estão nessa instituição. A Igreja como instituição é o lugar situado no espaço e no tempo onde vivem os discípulos que são o corpo de Cristo, as pessoas nas quais residem as Pessoas Divinas. A Igreja visível é a instituição, instrumento humano de comunicação e de união. A Igreja é mais do que uma instituição de comunicação e de unidade. Ela é também o corpo de Cristo, mas esse corpo não é visível, porque não sabemos quais são os verdadeiros discípulos de Jesus.

A instituição eclesiástica é uma religião. O evangelho vem a nós por meio de uma religião, ou melhor, pelo canal de uma religião. Essa religião é criação humana formada durante séculos, sempre em evolução de acordo com a evolução da cultura e fruto das decisões tomadas no decorrer dos séculos pelas autoridades que lhe imprimem a orientação. A religião cristã é semelhante a todas as religiões do mundo, ainda que tenha sofrido a influência dos discípulos de Jesus que estão nela.

Uma religião contém primeiro uma mitologia, ou seja, uma explicação do mundo. O ser humano procura entender a sua situação no mundo. Não encontra na experiência imediata algo que lhe permita entender por que está nesse mundo tão misterioso, por que está no meio de tantos perigos num mundo que não consegue interpretar. Não sabe o que fazer e como fazer. Não sabe como organizar o relacionamento com os outros seres humanos. Sabe que não foi ele que fez esse mundo onde se sente como perdido. Tudo deve vir de outro mundo. Tudo deve

ter vindo pela vontade de outros entes mais poderosos do que ele. Os entes que o jogaram neste mundo devem poder ajudá-lo, mas podem também ser perigosos. Diante de tantas calamidades e tantos males, o homem acha que há muitas forças negativas que influem neste mundo. São forças celestiais que receberam nomes diversos. São deuses, espíritos, orixás. Estão escondidos, mas manifestam-se pelo que acontece neste mundo, porque tudo o que acontece deve ter uma causa. Alguém quis tudo o que acontece. As coisas não aparecem espontaneamente. Os seres humanos inventam uma mitologia, às vezes simples, às vezes muito complicada, como, por exemplo, na Índia.

A mitologia explica tudo o que acontece. Ela alimenta o medo, mas também prevê maneiras de responder ao medo. Conhecendo os humores dos deuses, pode-se descobrir a maneira de acalmá-los ou de agradar-lhes. Os antropólogos das religiões insistem: a religião procede do medo. Pois a organização do mundo inspira medo. Basta ver todas as calamidades que acontecem. Algumas pessoas chegam a um conhecimento maior do humor dos deuses ou dos espíritos. São profetas ou feiticeiros ou mães de santo ou tantos outros nomes que lhes deram. Eles têm um papel importante. Não se toma decisões sem consultar essas pessoas que conhecem melhor os deuses.

Para entrar em comunicação com os espíritos há rituais, gestos e palavras sagradas que têm uma virtude especial. Há uma classe sacerdotal que conhece os segredos desses ritos e têm o poder de usá-los para se comunicar. Trata-se de agradar ou de acalmar. Quando os deuses estão irritados é preciso saber o que fazer para agradar, por exemplo, oferecer coisas. Quando o povo está numa situação perigosa importa conseguir a ajuda de forças espirituais e convém saber como agradar, o que oferecer, e quais são as palavras que agradam e conseguem os efeitos desejados.

Há também a magia que é um método muito mais primitivo, porque atribui a certos objetos ou certas palavras a capacidade de produzir um efeito sem passar pela vontade de uma força espiritual. A religião é culturalmente um fenômeno mais desenvolvido, que atribui mais capacidade aos seres humanos que já aprenderam a comunicar-se com os deuses. A religião contém também preceitos, porque há comportamentos que agradam às forças sobrenaturais e outros comportamentos que desagradam. Daí as leis de pureza, as leis sobre a alimentação, sobre as relações sociais, o sexo, a educação das crianças, o relacionamento com a natureza. A religião sacraliza um sistema de relações sociais. A religião exige um clero que possa garantir a submissão à mitologia, aos rituais, à moral e à organização social. São aqueles que comunicam a vontade dos deuses ou anunciam o futuro, aqueles que oferecem sacrifícios, aqueles que sancionam a moral e aqueles que dirigem a sociedade, garantindo a fidelidade às regras tradicionais.

Tudo isso houve em Israel. A religião de Israel foi muito semelhante à religião dos outros povos semíticos da mesma região no Oriente Próximo, sobretudo do Egito e da Mesopotâmia, onde estavam os impérios que dominaram a região durante muitos séculos e conquistaram a terra de Israel com a sua capital Jerusalém. Há muita semelhança entre as leis de Moises e as leis dos impérios vizinhos.

No entanto, em Israel houve também outra coisa: os profetas. Os profetas entraram em conflito com a religião e todo o sistema enquadrado pela religião. Os profetas criticaram a mitologia, os sacrifícios, a sacralização do poder, as leis de pureza ou de alimentação. Falaram de um Deus único e supremo que rejeitava todo o mundo mitológico, rejeitava todo o culto do templo, a classe sacerdotal. Esse Deus queria um comportamento moral justo. A justiça era a luta contra a opressão, era a defesa dos pobres contra a dominação dos ricos. A religião que aceitava a dominação sobre os pobres era culpada e mentirosa. Lutavam contra as infiltrações das religiões dos povos vizinhos, de onde vinham todos esses defeitos criticados na religião de Israel.

Os profetas foram perseguidos, porque eram uma oposição a todo o sistema social sacralizado pela religião. Sendo criticados e rejeitados, perseveravam apesar da perseguição. Formaram uma tradição dentro da história de Israel. Essa tradição já era uma imagem da Tradição cristã. Ela permitiu interpretar por que Jesus foi perseguido, por que houve desde as origens cristãs debates entre os discípulos de Jesus que seguiam o testemunho e os que se diziam seguidores de Jesus, mas permaneciam apegados à religião criticada pelos profetas e por Jesus. Essa divisão dentro da sociedade por motivos religiosos não era surpresa. Os discípulos de Jesus entenderam a sua situação a partir da história de Israel. A crítica da religião oficial era um fato totalmente único no mundo. Em todos os povos, a crítica da religião do povo era a traição máxima, porque criava um perigo total, um perigo de destruição da sociedade. Sem o exemplo dos profetas, os discípulos não teriam tido a coragem que teve Jesus, de se opor à religião do seu povo.

Os discípulos de Jesus praticavam a religião do seu país. Praticavam-na de maneira talvez imperfeita, dada a fama que tinha a Galileia de ser uma terra de pagãos. Com certeza não assimilaram bem todas as atitudes críticas de Jesus relacionadas com a religião. Depois da ressurreição continuaram observando ritos e normas judaicas, ainda que as notícias da primeira comunidade de Jerusalém dos Atos dos Apóstolos possam ter sido idealizadas. Para muitos, a atitude de Paulo que integra na comunidade os pagãos sem nenhuma submissão a nenhum rito judaico escandalizou muitos cristãos. O próprio Paulo teve muitos opositores.

Com certeza, a destruição de Jerusalém afetou muito os judeus discípulos de Jesus. Os cristãos tinham fugido antes do cerco da cidade pelas legiões romanas. Nos anos 90, os discípulos de Jesus foram excluídos do judaísmo por uma as-

sembleia de rabinos em Jâmnia, porque foram condenados como hereges. Com isso cortaram-se as relações entre judeus e cristãos. Para os romanos, os cristãos perdiam a cobertura do judaísmo. Doravante eram considerados como ateus, os sem-religião. Para os romanos, uma religião estava ligada a uma terra. Os cristãos perdiam a ligação com a Judeia e não tinham mais nenhuma legitimidade.

Por outro lado, um fato decisivo foi que os cristãos conservaram a Bíblia dos judeus. Adotaram a tradução grega dos LXX. Como os judeus continuaram atribuindo ao Antigo Testamento o valor de palavra de Deus e de livro sagrado. Ora, o próprio Jesus buscou nos profetas a sua identificação. Depois dele, os discípulos continuaram buscando nos profetas a interpretação da vida, da morte e da ressurreição de Jesus. Ao mesmo tempo, Jesus rejeitou a outra parte da Bíblia, a parte do sistema religioso templo-sacerdotes-sacrifícios, e mudou a lei, rejeitando, por exemplo, as leis de pureza ou as leis relativas à alimentação. Jesus tinha feito a distinção entre as duas faces da Bíblia Hebraica. Depois dele, apesar de Paulo, essa distinção ficou se apagando bem depressa, e os cristãos buscaram na Bíblia toda a sua identificação, perdendo de vista as exclusões de Jesus. Os exegetas gregos deram às partes da Bíblia rejeitadas por Jesus sentidos alegóricos ou espirituais. Mas muitos judeus ficaram apegados a todos os textos e reintroduziram no cristianismo muitos elementos que Jesus tinha rejeitado, por exemplo, o sistema templo-sacerdócio-sacrifícios.

Mais tarde apareceu que entre elementos da religião da Bíblia e os ensinamentos de Jesus havia incompatibilidades: por exemplo, a doutrina da guerra da Bíblia. Esta serviu para legitimar todas as guerras da cristandade. Mais tarde, a cosmologia bíblica serviu para condenar as ciências físicas. Com elementos do Antigo Testamento, os discípulos foram aos poucos refazendo uma religião. Essa religião nem sempre era compatível com a mensagem de Jesus, mas ela se sustentou pelos argumentos bíblicos. Jesus interpretava o Antigo Testamento à luz do Novo. Mais tarde começaram a interpretar o Novo Testamento à luz do Antigo.

Até hoje permanece uma ambiguidade. A Igreja Católica defende que a Bíblia toda é palavra de Deus. Por conseguinte, quando, no Livro de Josué, Deus dá a Josué a ordem de exterminar todos os habitantes das cidades de Canaã, ou seja, de fazer um genocídio, esse genocídio foi vontade de Deus. Essa ordem é realmente palavra de Deus? Há centenas de passagens semelhantes em que não podemos aceitar que o que se atribui a Deus seja realmente palavra de Deus. O Deus da Bíblia é um Deus violento, guerreiro, vingativo. Exatamente o contrário do Pai de Jesus. Continuamos atribuindo o mesmo valor a esses dois Deuses. A religião cristã defendeu o contrário do evangelho de Jesus em tantas circunstâncias, por exemplo, nas guerras de religião, na matança dos hereges ou das supostas bruxas.

A religião cristã construiu-se em grande parte com o material da Bíblia. Aos poucos, outros elementos foram adotados a partir da cultura ou da religião dos povos conquistados pela cristandade. A entrada do cristianismo como religião oficial do Império Romano teve uma influência enorme. A imposição do batismo aos povos conquistados por exércitos cristãos introduziu na Igreja o substrato da religião dos povos pagãos, tanto na Europa como na América, ou nos escravos africanos levados para a América.

Essa religião tem 20 séculos de história. Constituiu uma tradição, porém uma tradição que vem dos homens. Essa tradição pode variar. Há elementos que desaparecem, outros que aparecem. Tudo depende da evolução cultural. A religião evolui devagar, com muito atraso com relação à evolução da cultura em geral, mas ela acaba seguindo a evolução. Temos uma tradição eclesiástica que é tradição do sistema simbólico religioso. Esse sistema simbólico pode ter um poder político e econômico real. Não o poderia sozinho, mas pode chegar a dominar uma sociedade com o apoio de outras forças, como aconteceu na cristandade, como ainda hoje acontece em países muçulmanos ou hinduístas ou budistas.

Entre a Tradição divina da Vinda de Deus e a tradição humana da busca de Deus há diferenças notáveis:

- A Tradição da Vinda de Deus está no mundo real da vida. A tradição humana eclesiástica transmite um mundo simbólico.
- A Tradição evangélica ignora a distinção entre sagrado e profano. A tradição eclesiástica é tradição do sagrado.
- A Tradição da Vinda de Deus sempre é a mesma, porque sempre o mesmo Deus vem. Mas a tradição eclesiástica muda.
- A Tradição evangélica é universal, a mesma no universo. A tradição eclesiástica está ligada a uma cultura, inclusive quando se pretende universal, porque impõe a todos a mesma cultura.
- A Tradição da Vinda de Deus não quer o poder. A tradição eclesiástica busca o poder.
- A Tradição da Vinda de Deus anuncia a liberdade. A tradição eclesiástica não quer a liberdade.
- A Tradição evangélica dá prioridade aos pobres. A tradição eclesiástica não dá valor aos pobres salvo para receber esmolas.
- A Tradição da Vinda de Deus exige uma conversão pessoal. A tradição eclesiástica transmite-se por forças sociais.

Claro está que na Igreja a prioridade do simbólico é esmagadora. Para muitos, ser cristão ou católico é praticar o sistema simbólico, ainda que não tenha nenhum efeito no mundo real. Na mente dos católicos, o importante é o sistema

simbólico, porque o sistema simbólico é o caminho da salvação. Não sabem que Jesus julga sem referência nenhuma ao sistema simbólico a partir dos fatos no mundo real.

Desde a Revolução Francesa, com altos e baixos há uma tendência para a diminuição da prática religiosa católica na Europa e na América do Norte, ou seja, uma diminuição das atividades religiosas simbólicas. Seria difícil saber qual foi a evolução do agir cristãos no mundo real. Pode ter crescido muito por parte de muitos cristãos, inclusive desligados do sistema simbólico. Sobretudo depois da Segunda Guerra Mundial, milhares de iniciativas e de associações surgiram para responder a necessidades humanas deixadas sem solução. Milhões de cristãos desligados do mundo simbólico trabalham ativamente em obras de ajuda social. Diante da insuficiência das autoridades do Estado, milhares de iniciativas privadas estão agindo. Milhares exercem uma ação política de pressão sobre as instituições políticas para que resolvam os desafios da miséria do mundo. Por isso não saberíamos dizer se o cristianismo como a Vinda de Deus neste mundo está aumentando ou diminuindo. Estou inclinado a pensar que está aumentando, apesar da diminuição do sistema simbólico da religião.

Um sistema simbólico é indispensável, dada a nossa condição humana. Precisamos representar-nos o que está acontecendo conosco. Precisamos sinais para chegar a uma consciência da Vinda de Deus. Deus pode vir em muitos seres humanos que nem o sabem, porque não conhecem o sistema de comunicação que lhes permite chegar a essa consciência. Tratando-se de uma realidade totalmente inconsciente, precisamos passar por sistemas complexos de sinais. Para compreender cada palavra da Bíblia precisamos conhecer todo um contexto de vida humana por meio de sinais. Para explicar uma palavra precisamos usar centenas de palavras. Quem ignora todo linguajar religioso nunca poderá entender coisa alguma. Por isso, Deus pode agir sem que a pessoa esteja consciente. Para que fique consciente precisa estar numa longa tradição religiosa. O perigo é confundir o meio de comunicação, o sistema de sinais, com a realidade que esse sistema de sinais pretende mostrar.

Primeira Parte

A Tradição Evangélica

Capítulo 1:

As origens

Neste capítulo examinaremos a Tradição sobre a Vinda de Deus nos primeiros séculos, ou seja, até Teodósio e a fundação da cristandade. Esta parte culmina na vida dos Santos Padres, sobretudo os Santos Padres do Oriente que no IV século fundaram a longa tradição das Igrejas Orientais e influíram de modo decisivo no conjunto da Igreja. Basta lembrar os nomes de São Basílio, São João Crisóstomo, São Gregório Nazianzeno, e São Gregório Nisseno, recordando também os precursores Clemente de Alexandria e Orígenes. Com eles foram muitos, mas os que deram os fundamentos foram eles.

No início estão os escritos do Novo Testamento, porque são os mais antigos documentos dessa Tradição. Jesus não tinha previsto um longo período entre a sua morte e a sua nova vinda em glória. Por isso, não deixou muitas instruções aos discípulos. O que lhes deixou, foi o exemplo da sua vida e poucas recomendações, além da missão de anunciar a sua volta em breve. O mandamento do amor, a eleição dos pobres, a necessidade de buscar o último lugar foram as recomendações básicas. Trata-se de atitudes fundamentais, sem programa pormeno-

Páginas 54-92 indisponíveis na versão digital

Versão 1

A Nova Descoberta do Evangelho

**Introdução
à Teologia Contemporânea***

Introdução 95

Capítulo 1:

A vida terrestre de Jesus, revelação de Deus 99

1. A morte de um Deus 99
2. Deus sem poder 100
3. O Reino de Deus 102
4. A vinda do Espírito Santo 104
5. A salvação 107

Capítulo 2:

Depois de Jesus: A obra das primeiras gerações 110

1. A Escritura 112
2. O nascimento de uma religião cristã 117
3. O culto 119
4. A doutrina 121
5. A instituição 121
6. O sacerdócio 124
7. Dualidade evangelho – religião 126
8. A história 128

Capítulo 3:

A tradição do evangelho 130

1. O início 132
2. Os monges 134
3. Os bispos da Alta Idade Média 137
4. Os movimentos de paz 138
5. As comunas 139
6. As obras de misericórdia nas cidades medievais 140
7. Os mendicantes 140

Capítulo 4:

A tradição eclesiástica 146

1. A doutrina 147
2. O culto 154
3. O governo 159

Capítulo 5:

As grandes tentações da história 163

1. A tentação do poder 163
2. A sacralização 170

Capítulo 6:

A teologia como problema 179

1. O surgimento da teologia 184
2. A teologia do século XX 191

* O presente escrito é a origem da obra que pensava deixar como complemento à sua pneumatologia. Fez a presente redação a partir de anotações que fez do primeiro livro de Joseph Moingt (citado na introdução). Iniciada em 1º de setembro e terminada em 3 de outubro de 2009.

Introdução

Até o Concílio Vaticano II, a teologia católica do século XX concentrou-se na eclesiologia. O próprio Concílio apresenta-se como a expressão eclesial da Igreja. Mas as reformas desejadas pelo Concílio foram obstaculizadas pela minoria conciliar e pela cúria romana. As mudanças foram insignificantes e ainda esperam uma realização concreta. Depois do Concílio, a teologia católica orientou-se para a cristologia que se tornou o centro da atenção. Descobriu-se que sem reforma da cristologia não haverá reforma da Igreja. Tudo depende da concepção que a Igreja tem de Jesus Cristo.

Este é o ponto de partida da teologia do início do século XXI. O fato fundamental foi o redescobrimto da humanidade de Jesus, ou seja, da sua vida terrestre. Isto foi possível graças ao grande desenvolvimento dos estudos bíblicos e também ao diálogo com o mundo moderno. Jesus deixou de ser a bandeira levantada pela Igreja contra o mundo moderno. A abertura do Vaticano II permitiu esse diálogo com o mundo moderno, o mundo da secularização e da globalização. A evolução da teologia protestante foi paralela e, muitas vezes, adiantou-se e formulou antes dos católicos os desafios do momento atual, por exemplo, com Dietrich Bonhoeffer.

Desde os primeiros séculos, as Igrejas deram pouca atenção à vida terrestre de Jesus. Afirmou-se sempre a natureza humana de Jesus, mas sem procurar saber o que era essa natureza humana. Desde os primeiros tempos, a transformação do evangelho de Jesus numa religião concentrou toda atenção sobre a vida de Jesus ressuscitado e sobre o culto de Cristo. Respondia-se assim às aspirações religiosas profundas dos povos antigos que queriam saber qual era o Deus que deviam adorar. Porém, hoje em dia, as religiões estão numa fase de declínio, sensível, sobretudo no caso das Igrejas tradicionais. Isto nos levou a considerar a vida terrestre de Jesus no seu significado independentemente do culto rendido depois da sua ressurreição. Trata-se de estudar o significado histórico que Jesus quis dar à sua passagem por esta terra. Pois, o cristianismo é antes de tudo o seguimento de

Jesus, antes de ser o culto de Jesus.

A renovação da cristologia leva a uma nova compreensão do cristianismo, ou seja, da herança de Jesus de Nazaré. Uma nova compreensão da cristologia obriga a fazer uma revisão de todos os temas centrais da teologia cristã. É o que se queria propor neste livro pequeno e modesto que condensa para um público mais extenso a problemática teológica atual.

Os leitores mais informados descobrirão logo quais foram os autores que mais orientaram este ensaio. Entre os teólogos europeus, identificarão Joseph Moingt, Edward Schillebeeckx, Jürgen Moltmann. Entre os teólogos latino-americanos encontrarão Gustavo Gutiérrez, Juan Luis Segundo, Jon Sobrino. Os biblistas foram numerosos, mas cito principalmente A. Bensen, Ched Myers, R. E. Brown.

O grande desafio para os cristãos do século XXI é saber o que devem fazer no mundo de hoje. A cristandade desapareceu ou subsiste somente em algumas ilhas isoladas da nova cultura secularizada. Na cristandade, todos sabiam o que fazer. Neste mundo secularizado, todas as certezas de outrora caem. A própria teologia foi construída para a cristandade e não para a orientação dos cristãos neste mundo. A hierarquia tem consciência do problema, mas não sabe o que fazer, porque está atada à religião tradicional e não pode mudar nada das estruturas de cristandade. Grupos poderosos que têm muita influência no centro ainda acham que é possível refazer uma cristandade e recuperar o poder que a Igreja perdeu na sociedade como instituição. É evidentemente uma ilusão. Mas então precisamos enfrentar o desafio.

A orientação está num retorno aos Evangelhos e à vida terrestre de Jesus. Jesus não tinha nenhum papel na religião judaica: era um leigo. Não fundou nenhuma religião, pois não definiu nenhuma doutrina religiosa, não instituiu ritos e não estabeleceu nenhum sistema institucional. Os apóstolos que enviou eram leigos sem missão religiosa, mas com a missão de anunciar o Reino de Deus, que não era um reino nas almas, mas um reino sobre os corpos, nesta terra primeiro, antes da nova terra. Mas Jesus exerceu um papel na sociedade do seu tempo. Depois da ressurreição houve em todas as gerações discípulos que assumiram o mesmo modo de agir de Jesus, seguindo os caminhos traçados por ele.

O evangelho foi anunciado por muitos discípulos, a maioria das vezes pobres, desconhecidos, sem poder, como o próprio Jesus que não teve nenhum poder e viveu escondido, pois as informações daquele tempo nunca mencionaram nem sequer o seu nome, salvo no judeu Flávio Josefo. Há uma tradição de anúncio do evangelho através dos séculos na qual os discípulos assumiram missões no mundo e definiram o modo de agir da Igreja no mundo. As instituições teriam por finalidade evangelizar. Mas em muitos casos, elas se deixaram absorver pelas funções religiosas.

O cristianismo não é em primeiro lugar uma religião, pois é a mensagem da chegada do Reino de Deus e o começo da construção desse Reino, o que não se faz por uma religião. A religião vive no mundo dos símbolos, mas o Reino de Deus é uma realidade temporal, concreta, material e espiritual ao mesmo tempo.

Os discípulos criaram uma religião feita para conservar a memória de Jesus. Mas a religião é obra humana, feita a partir das aspirações humanas, e é a herança de todas as mitologias, de todos os ritos, de todas as instituições específicas que os discípulos encontraram no seu caminho, em primeiro lugar no Antigo Testamento.

A religião é boa se serve para manter a memória de Jesus, para preparar a acolhida do evangelho ou para estimular a fidelidade. Mas a religião pode também ocultar o evangelho, tornando-se a si própria a sua finalidade. Então ela transforma a sua doutrina numa mitologia, os ritos num formalismo e a instituição num instrumento de poder. A religião vale se está a serviço do evangelho, mas é nociva se ela se toma a si própria como o seu fim. Podemos nos perguntar se muitos dos que abandonam as Igrejas cristãs tradicionais neste momento não o fazem porque acham que essa religião é inútil e não lhes traz nenhum benefício: ela não os ajuda a viver neste mundo?

A religião não serve se alimenta a ideia de que as pessoas se salvam pela religião, que a religião é meio de salvação. Só Deus salva e salva pela prática do evangelho. Toda religião deve estar subordinada a essa fé e não substituí-la por outra fé. Nenhuma religião salva porque somente Deus salva, e salva gratuitamente. A salvação vem gratuitamente e cresce seguindo o caminho do evangelho pela força e pela luz do Espírito Santo. Quem segue o caminho de Jesus permanece na salvação, porque salvação é o seguimento de Jesus. Não é que o seguimento de Jesus seria meio de salvação. Deus salva sem meios. Transmite a sua salvação para aqueles que a recebem.

Quem anda nesse caminho de Jesus nesta terra, no meio deste mundo e desta humanidade num momento determinado da história e num espaço definido, já caminha para a ressurreição e não deve buscar obras específicas que garantissem essa ressurreição final. As obras de religião não salvam, porque somente Deus salva. A salvação é viver em Deus, e nenhuma obra religiosa pode forçar Deus a permanecer nem a realizar a sua entrada em nós.

O caminho de Jesus tem um nome que é amor, caridade, solidariedade, não como sentimento, mas como agir efetivo. O desafio é: como viver esse amor no mundo de hoje? A religião pode ajudar, mas ela pode também fechar aos outros, fazendo com que cada um se preocupe pela salvação eterna da sua alma, sem se preocupar com o que está acontecendo com os irmãos nesta terra. A religião ajuda quando lembra o evangelho do amor e estimula para lhe ser fiel. A religião

ensina o amor e o celebra com ritos solenes, com orações sublimes e com uma doutrina firme, mas o desafio é realizar na prática da vida de cada dia. A religião não garante a prática e pode impedi-la.

Poder-se-ia objetar que na América Latina a secularização não constitui ou não constitui ainda um desafio. Com efeito, aparecem a cada dia novas religiões, e as Igrejas pentecostais e neopentecostais estão crescendo com uma velocidade surpreendente. Porém, esses fenômenos confirmam a tese mais do que a questionam. Pois os pentecostais e neopentecostais avançaram muito no caminho da secularização: não têm doutrina, não tem culto e não têm um sistema de disciplina religiosa com clero sacralizado. Voltam ao evangelho, a Cristo que entra neste mundo e resolve os problemas deste mundo: doença, desemprego, solidão etc. Como nos Evangelhos, Jesus liberta os oprimidos dos seus males concretos. Jesus dá confiança e coragem, restitui a dignidade aos excluídos e aos desamparados e faz deles membros ativos da evangelização do mundo.

Claro é que estão muito influenciados pela cultura dominante individualista e consumista e escolhem nos Evangelhos o que se integra na situação social e cultural do momento. Mas não se pode negar que para muitas pessoas desamparadas elas transmitem a mensagem do Reino, ainda que seja parcial, porque limitado pelo individualismo do contexto humano de hoje. Pode-se dizer que os pentecostais estão dando um passo para o cristianismo futuro, porque sabem responder às situações atuais, e uma multidão de cristãos desamparados e abandonados pelas Igrejas tradicionais encontra aí um anúncio do evangelho e uma entrada na fé.

As novas religiões estão inspiradas em parte pelo cristianismo e em outra parte pelas tradições esotéricas surgidas no mundo inteiro desde a mais remota antiguidade. São as 38.000 religiões recenseadas nos Estados Unidos, e as milhares ou dezenas de milhares de religiões nascidas nos últimos tempos na África secularizam também o cristianismo e se libertam de todo um aparelho religioso, que serviu para construir a cristandade, mas que já não oferece nenhum recurso para responder aos problemas do mundo atual. Essas religiões mostram também o caminho do futuro. Elas são provavelmente temporárias, mas são um sinal que mostra que a evolução é irreversível. O problema da secularização está presente e urgente em todos os continentes que foram atingidos pelo cristianismo. As novas religiões são um sinal de que não se voltará mais para trás, e o futuro das Igrejas tradicionais será inspirado por esses novos fenômenos, ou não haverá futuro para elas.

Capítulo 1:

A vida terrestre de Jesus, revelação de Deus

1. A morte de um Deus

O magistério e a teologia sempre afirmaram que Deus se revela em Jesus. Mas na prática é diferente. Desde Justino e os Padres gregos, e sobretudo a partir da teologia escolástica, a teologia parte do conceito filosófico de Deus dos filósofos gregos, como se o Deus dos filósofos e o Deus de Jesus fossem o mesmo Deus. A consequência foi que o Deus dos filósofos entrou da doutrina cristã sub-repticiamente e ocultou o Deus de Jesus. Elaboraram toda uma teodiceia a partir da filosofia, partindo dos conceitos da filosofia grega. Deus foi apresentado nas categorias da ontologia. Sendo o ser perfeito, Deus recebe ao infinito todas as qualidades imaginadas pelos filósofos.

Por exemplo, na base da filosofia grega ensinaram que Deus é imutável e impassível, embora esses conceitos sejam totalmente alheios à mensagem de Jesus. Esse Deus é infinitamente distante deste mundo, totalmente indiferente à história humana e a todas as contingências. Este mundo muda, e Deus permanece sempre o mesmo, além do tempo e do espaço. As filosofias queriam superar os politeísmos da sua época, mas colocaram Deus como uma abstração sem relação com a vida humana.

Ao lado da ideia dos filósofos há a concepção popular de Deus presente em quase todas as religiões e que sobrevive ainda em muitos que já abandonaram toda prática religiosa. É um Deus cósmico, fundador e base do universo que dirige esse universo de acordo com desígnios que somente ele sabe. É o autor da vida, que marca a hora do nascimento e da morte. De modo geral é concebido como muito superior e muito distante, que não se preocupa pelas mínimas coisas que sucedem no nosso mundo. Por isso, muitas vezes em baixo de Deus há entidades intermediárias que em nome dele mexem com a história humana, com a vida dos indivíduos e das sociedades: deuses, espíritos, anjos, orixás, santos... O comércio com esses intermediários é mais eficaz, porque eles estão encarregados de arrumar as coisas deste mundo.

Os povos pagãos que entraram na Igreja sem catequese suficiente perseveraram

Páginas 100-194 indisponíveis na versão digital

bate contra o mundo exterior. Pode ser útil para a hierarquia, mas ela se dirige a todos os cristãos, cuja grande maioria são leigos. Pois hoje, a fé não se transmite pela família nem pela paróquia, mas por uma ação pessoal de missionários preparados. Ela pretende apresentar uma expressão da revelação divina de uma maneira que possa convencer as novas gerações, oferecendo-lhes um programa de vida.

A teologia tradicional é uma ilustração para quem já tem a fé ou pelo menos a religião cristã tradicional. Agora, a teologia deve estar a serviço de missionários que vão apresentar o cristianismo a gerações que o ignoram totalmente. Por isso terá que ser feito de uma maneira compreensível e convincente. Precisa saber mostrar que essa vida cristã vale, traz alegria e pode deixar a impressão de não perder tempo e de contribuir com uma grande obra, a maior de todas em condições paradoxais, porque sem poder, sem dinheiro, sem força política, sem superioridade intelectual. Será uma teologia a serviço da missão.

Uma teologia pode desviar e desviou. Cabe ao magistério fazer um discernimento. Porém, este discernimento terá que ser feito na base do evangelho e não na base da teologia nascida do Concílio Tridentino como neoescolástica de combate.

Inevitavelmente, uma teologia missionária se apresentará de modo diverso de acordo com a diversidade das culturas. A cultura ocidental espalha-se pelo mundo, mas ela se encontra com culturas antigas ou menos antigas. As culturas da China, da Índia, do Japão e do Extremo Oriente de modo geral são muito fortes e não vão desaparecer. Vão entrar em várias formas de diálogo com o cristianismo, e desse diálogo sairão certamente novas religiões. Até agora, o cristianismo somente conseguiu atingir algumas ilhas dentro dessas culturas. Essas ilhas são feitas em geral de pessoas pobres, mal ou pouco integradas na cultura do seu país. Um dia vão entrar em contato e vão conhecer os mesmos desafios do cristianismo no Império Romano. Aqui não podemos dizer nada, porque tudo isso é um futuro imprevisível.

A curto prazo podemos prever que os teólogos serão cada vez mais leigos, mulheres ou homens. Há uma tendência forte no Brasil para conseguir que a teologia se torne uma disciplina acadêmica reconhecida oficialmente. O perigo está em que a teologia seja tratada como qualquer disciplina acadêmica, sem qualquer referência à missão da Igreja e à evangelização, por pessoas que seguem uma carreira teológica como qualquer outra disciplina científica. A teologia não pode ficar confinada às academias, porque está em comunicação permanente com a evolução da evangelização. Não pode estar desligada de qualquer movimento de evangelização, não pode ser uma disciplina que serve para formar outros teólogos, professores de teologia com todos os diplomas e certificados exigidos pelo governo para ensinar em escolas públicas. A finalidade das esco-

las de teologia não é formar professores e sim pessoas que estudam o que é o cristianismo para os homens e as mulheres de hoje. Algumas ordens religiosas têm capacidade para sustentar algumas escolas de teologia. Outras não a têm. As dioceses poderiam, se estivessem associadas e recebessem apoio financeiro. Muito dinheiro circula na Igreja, mas está destinado a obras conservadoras, a movimentos religiosos espiritualistas. A CNBB poderia cobrar um imposto a todas as instituições que recebem muito dinheiro, para manter algumas faculdades de teologia, como três ou quatro no Brasil ou talvez menos.

Precisamos também cuidar para não abaixar o nível dos estudos. São bem poucas as faculdades latino-americanas que podem competir com os principais centros da Europa e dos Estados Unidos. Não é por falta de capacidades intelectuais, mas por falta de organização. A dispersão de inúmeras instituições que nada têm de criativo faz com que não haja centros reunindo capacidades. A médio prazo, latino-americanos e asiáticos terão que assumir cátedras nas antigas escolas de teologia da cristandade inclusive na França, na Alemanha, na Bélgica, na Holanda, na Suíça, na Itália, na Espanha. As mulheres teólogas teriam que entrar na busca do cristianismo desde um ponto de vista feminino, mas sem ficar confinadas nos problemas das mulheres que mais e melhor podem ser estudadas em instituições especializadas.

Sucede que as autoridades eclesíásticas não atribuem muito valor à teologia. Mantêm cursos em seminários e faculdades para cumprir o Direito Canônico que exige esses estudos para a ordenação. Quanto aos leigos, as faculdades que lhes são destinadas são escolas de catequese, sem produção intelectual. Vai aparecer um dia um bispo interessado realmente pela teologia, não como obrigação canônica, mas como tarefa importante para a evangelização? Não é impossível, mas difícil. Nem poderá contar com apoio romano, porque em Roma isto seria visto como competição ilegal com as faculdades romanas, embora estas sejam de pouca produção para uma evangelização no mundo atual.

3-10-2009

Versão 2

O Espírito Santo na Igreja*

Preâmbulo 199

1. Os pressupostos 199
2. A Tradição e as tradições 204

Capítulo 1:

Fé e religião 207

1. Colocação do problema 208
2. O evangelho e a fé 216

Capítulo 2:

O Espírito Santo na vida de Jesus 219

1. O batismo 220
2. A tentação de Jesus 221
3. O envio para a Galileia 222

Capítulo 3:

O Espírito Santo na Igreja: as origens 222

1. Depois da morte de Jesus 222
2. O Novo Testamento 226
3. A tradição paulina 230
4. A tradição joanina 233
5. A tradição lucana 234

Capítulo 4 :

A tradição movida pelo Espírito 237

1. Os sinais da verdadeira tradição 237
2. História da Tradição evangélica 239
3. O conteúdo da Tradição evangélica 244
4. Anunciar a chegada do Reino de Deus 246
5. A prioridade dos pobres 249
6. A compaixão pelos doentes 251
7. O perdão dos pecados 254
8. A denúncia da religião do seu tempo e a perseguição 256

Capítulo 5:

A tradição religiosa 260

1. A interferência com o judaísmo 262
2. A entrada do Império – origem da cristandade 269

Capítulo 6:

As duas tradições religiosas paralelas 276

* Esta é a 2ª redação: iniciada em 20.12.2009 e interrompida em 5 de abril de 2010, quando decidiu reformular o esquema do livro e recomeçar uma nova versão.

Preâmbulo

Antes deste livro, dediquei cinco volumes à presença do Espírito Santo no mundo: *O tempo da ação; A força da palavra; A vocação para a liberdade; O povo de Deus; A vida em busca da liberdade*. Chegou a hora de apresentar o Espírito na Igreja. Tudo o que o Espírito Santo faz na Igreja está dirigido em função da sua ação no mundo, já que a Igreja é serviço ao mundo. Antes de iniciar o estudo da ação do Espírito na Igreja, quero lembrar os princípios teológicos que se tornaram bem comuns depois do Concílio Vaticano II. São os pressupostos deste estudo. Eis aqui os princípios usados neste estudo e que não precisamos demonstrar, porque já são a herança da teologia neste começo do século XXI.

1. Os pressupostos

1. O Novo Testamento constitui um documento básico para conhecer a missão de Jesus e do Espírito Santo, assim como a ação do Pai. Mas os Evangelhos não são biografias de Jesus. Cada um apresenta uma interpretação dos fatos e ditos de Jesus. Não expressam de modo uniforme tudo o que Jesus disse e fez. Pois, como diz o final do Quarto Evangelho: “Jesus fez ainda muitas outras coisas. Se fossem escritas uma por uma, penso que não caberiam no mundo os livros que seriam escritos” (Jo 21,25). Os autores escolheram algumas coisas que lhes pareceram mais fundamentais em função da finalidade que os orientava na escritura. A escolha foi condicionada pela interpretação. Por sinal, todos os livros de história fazem uma escolha, e nessa escolha se pode descobrir a interpretação que deram aos fatos ou aos ditos referidos. Ninguém expressa exatamente o que outra pessoa disse ou fez. Isto vale também para o Novo Testamento. Mas essas limitações humanas não impedem que a partir dos testemunhos dos Evangelhos possamos ter um conhecimento das linhas fundamentais da vida terrestre de Jesus.

Os autores do Novo Testamento, inclusive dos Evangelhos, fizeram uma escolha nas tradições orais recolhidas por eles, e estas já eram um escolha. A escolha

é determinada pela finalidade do escrito. Pois, o autor quer mostrar algo aos seus leitores e por isso escolhe o que justifica a sua interpretação. Na escolha, ele sempre interpreta. Cada livro do Novo Testamento expressa a interpretação que o autor dá das tradições sobre Jesus e essa interpretação é naturalmente pessoal, diferente de outras interpretações que outros autores podem dar dos mesmos acontecimentos. Todo texto é limitado, diverso, diferente de outros textos que queriam referir a mesma coisa. Tudo é interpretação. O Jesus de Marcos é diferente do Jesus de Mateus, de Lucas, de João, de Paulo, de Tiago. Qual é o verdadeiro Jesus? Todos são verdadeiros e todos são incompletos e são interpretações em função de preocupações diferentes das diversas comunidades dos discípulos de Jesus.

O leitor também interpreta. Duas pessoas lendo uma carta de São Paulo lhe darão uma interpretação diferente, porque cada pessoa tem interesses e preocupações diferentes e lê a partir das suas preocupações, ainda que todo esse jogo seja inconsciente e Deus queira que fosse consciente. Isto não quer dizer que todas as interpretações tenham igual valor. Longe disso. Há interpretações mais prováveis e outras menos prováveis, dependendo do número e do valor dos dados objetivos nos quais se baseia cada autor. O valor depende também da autocrítica do autor ou do leitor, ou seja, do grau de consciência que ele tem das suas limitações e das suas tendências pessoais.

Por isso não existe nenhuma possibilidade de fazer uma síntese objetiva e completa das origens cristãs ou da vida de Jesus. Há lugar para uma grande diversidade na Igreja. O magistério pode afastar interpretações que lhe parecem perigosas para a vida ou a missão da Igreja, mas não pode escolher uma interpretação, como se houvesse uma só interpretação válida. Quanto aos teólogos, não é difícil perceber que cada exegeta tem uma interpretação própria do mesmo texto.

2. Considerações semelhantes podem ser aplicadas aos documentos oficiais da Igreja, que emanam da autoridade legítima, na prática dos papas ou dos Concílios. Todos esses textos são históricos. Trazem as marcas da sua situação histórica, espacial ou temporal. Foram escritos numa língua e numa época determinada. Ora, as línguas mudam, e as palavras adquirem um significado diferente em cada época. Todo texto antigo precisa de uma tradução na língua atual. Por outro lado, muitos documentos oficiais da Igreja Católica são redigidos em latim, numa língua que já não se pratica no mundo atual. Podemos imaginar que o autor do documento pensou primeiro na sua língua de origem ou de uso habitual. Será preciso saber o que pensava quando traduziu o seu pensamento em latim, ou, se o tradutor é outra pessoa, como essa pessoa entendeu o que o autor quis dizer.

Os textos do magistério pretendem dar a interpretação oficial da tradição cristã. Mas nunca pretendem enunciar toda a tradição. Escolhem alguns temas que lhes parecem em perigo. Condenam interpretações errôneas ou definem interpre-

tações obrigatórias. Escolhem determinados pontos da tradição. Assim fazendo, dão um destaque muito especial a determinados temas ou determinadas palavras. Escolhem dentro de uma tradição ampla e diversa. O destaque dado a um tema põe na sombra outros temas relacionados. Estes não foram considerados, e por isso correm o risco de serem esquecidos ou interpretados a partir dos textos oficiais por intermédio de deduções, o que sempre questiona o princípio usado para fazer a dedução. Por exemplo, as definições cristológicas dos séculos IV e V deixaram na sombra a vida humana de Jesus, e esta desapareceu das teologias elaboradas ulteriormente. O Concílio de Trento exaltou o ministério sacerdotal e deixou na sombra o povo cristão. O Vaticano I definiu os poderes do papa e deixou os bispos na sombra. E assim por diante. Todos os documentos oficiais produzem esse resultado.

Os textos dos documentos, dos dogmas particularmente, se referem a preocupações de determinada época. Estes precisam ser interpretados a partir do seu contexto histórico para ver qual é o seu alcance em outra época. Os textos procedem de determinada política eclesiástica. Com outro projeto político poderiam ter sido outros. Por exemplo, o Concílio de Trento expressou uma negação de qualquer diálogo com os protestantes depois de três séculos de gritos dos católicos pedindo uma reforma da Igreja. A opção política dos padres conciliares foi expulsar os protestantes da Igreja, provavelmente porque tinham a ilusão de pensar que poderiam recuperar a unidade da cristandade dividida. Os documentos do século XIX, que falam da relação com a sociedade, partem todos de uma recusa de qualquer diálogo, com a convicção de que não se dialoga com o diabo. Assim, a Igreja perdeu prestígio e adesão na classe intelectual e na classe operária, com as conseqüências que podemos observar hoje em dia na Europa ou na América do Norte, sem que América Latina esteja protegida eficazmente contra esses perigos.

A leitura dos dogmas e de outros textos do magistério presta-se a diversas interpretações, como todos os textos produzidos por seres humanos. Há uma longa tradição de interpretações maximalistas. Mas os mesmos textos poderiam ser lidos de modo mais moderado ou minimalista. Até o Vaticano II, a maioria dos teólogos eram maximalistas, e agora há uma tendência para uma interpretação minimalista, preservando a liberdade mais do que procurando a segurança.

3. A tradição cristã é destinada a se transmitir nas diversas culturas da humanidade. Não tem cultura própria, a não ser a judaica que o próprio Jesus rejeitou. A cultura de Jesus era tão simples que tem um caráter universalista. É acessível a pessoas de todas as culturas. Entrando numa cultura, a tradição a transforma, mas é também transformada por ela. Há uma relação de reciprocidade. A tradição cristã adquire um caráter que reflete a cultura na qual está inserida. Nos casos

extremos, ela pode assimilar-se de tal modo numa cultura que chega a se identificar com ela. Foi o que aconteceu no Império Romano e nos seus sucessores, constituindo a cristandade. A cristandade era tradição cristã e cultura. Houve uma quase cultura cristã, comum a toda a população da cristandade, ainda que permanecessem sempre algumas ilhas refratárias que não se deixavam assimilar, por exemplo, os judeus, ou certas tradições filosóficas ou esotéricas refugiadas em lugares escondidos para escapar da Inquisição.

No caso da cristandade europeia, a assimilação foi tão forte que até hoje a Igreja Católica se acha identificada com a cultura europeia, embora esta se tenha emancipado da herança da cristandade. Dizem que a Itália é um país católico ou que o Brasil é um país católico, como se a cultura do país se identificasse com o cristianismo. Quando a Igreja se tornou presente quase no mundo inteiro, ela constituiu nas diversas culturas ilhas de cultura europeia da tradição da cristandade. A multiplicidade das culturas devia ter dado origem a uma diversidade de figuras culturais de Igrejas. Isto não aconteceu, porque a centralização romana quis impor um modelo único a todos os católicos do mundo. Esta atitude impediu que o cristianismo penetrasse realmente nas culturas da Índia, da China, do Japão e de diversas outras culturas. Ora, não se pode confundir o cristianismo, a herança de Jesus, com a cristandade europeia. O fato de se ter confundido com ela durante tantos séculos cria a impressão de que ser católico é ser membro dessa subcultura, que é o que subsiste da cristandade medieval.

Os apologistas afirmam que essa assimilação à cultura europeia foi um enriquecimento e mostrou todas as virtualidades do cristianismo, sem prejudicar em nada a pureza da tradição cristã. A cristandade seria puro enriquecimento com todos os aportes da cultura europeia. Esta afirmação não se justifica. Todos os estudos das ciências humanas desmentem essa afirmação. A cristandade europeia interpretou, destacou alguns elementos, criou formas adaptadas a um regime específico de cultura, mas deixou na sombra aspectos fundamentais da tradição cristã. São os aspectos que, pela entrada da missão em outras culturas, poderiam ter sido descobertos e não o foram. Mas até agora, a centralização romana se impõe com cada vez mais força, impedindo uma verdadeira missão. Aparecida decidiu que toda a Igreja devia tornar-se missionária, mas a centralização romana constitui um obstáculo intransponível.

4. Os convertidos não perdem toda a sua religião anterior. Pelo contrário, introduzem-na na Igreja sem querer. A conversão não muda a personalidade, e o batismo não muda a cultura. Por isso, o cristianismo nunca existe em forma pura. Todo cristão é produto da sua escolha até certo ponto. Mas uma grande parte da sua personalidade é a herança dos seus antepassados e da religião deles. Quando se trata de povos inteiros, a sua conversão configura a Igreja de maneira nova e

específica. Todo cristão tem a sua cultura e não é criador da sua cultura. Nenhum cristão é somente cristão. É cristão irlandês, inglês, russo, maronita, italiano etc. Cada povo tem a sua história e faz com que seus membros sejam necessariamente diferentes dos outros. Não existe o católico em si, mas existe o católico brasileiro, peruano, mexicano, chileno, e entre eles há diferenças. Se forem de continentes diferentes, a diferença é maior. Por isso há nas Igrejas concretas algo mais do que o cristianismo: há o cristianismo vivido numa tradição cultural que não é cristã de origem, mas existia antes da conversão. Nem sequer a hierarquia ou o papa estão acima da sua cultura. Entre um papa italiano, polonês ou alemão há diferenças de estilo bem significativas, e isto influi na sua interpretação do cristianismo. Influi também nas transformações que querem imprimir à Igreja e que nem sempre procedem do evangelho e sim das suas fontes culturais.

Nas origens, a maioria dos convertidos era feita de judeus. Sem querer ou sem sequer perceber, os judeus introduziram no grupo dos discípulos de Jesus toda uma herança da religião judaica vivida naquele tempo. Introduziram conceitos e costumes da religião judaica. A luta de Paulo contra essas infiltrações judaicas nem sempre foi eficaz. Paulo encontrou muitos adversários que não aceitavam a sua separação tão radical do seu judaísmo juvenil. Houve doutrinas e instituições que apareceram, pouco a pouco, nos dois primeiros séculos e que procedem do judaísmo: a linha sacerdócio-sacrifício-templo que Jesus tinha suprimido, ou as obras penitenciais para conseguir o perdão dos pecados, ou as formulações do culto divino. Os primeiros apóstolos seguiram o ensinamento de Jesus e procuraram no Antigo Testamento os anúncios de Jesus. Inspiraram-se na linha dos profetas. O Antigo Testamento estava subordinado ao Novo. Para grupos de judeus convertidos, o Novo Testamento estava subordinado ao Antigo que fornecia as linhas básicas da vida cristã.

Pouco a pouco, os cristãos deixaram de ser uma forma de judaísmo no meio de outras. No final do século I, a separação foi consumada, mas muitos cristãos eram de procedência judaica e conservavam o seu modelo religioso dentro da sua profissão cristã.

Mais tarde, outros convertidos trouxeram ideias e costumes religiosos dos povos do Império Romano, e, mais tarde, dos povos “bárbaros”. Com o Concílio de Trento, a Igreja Católica tornou-se mais rígida e mais inquisitorial. Procurou evitar infiltrações de outras religiões. Assim aconteceu com a condenação dos ritos ditos chineses e a condenação de adaptações à religião da Índia. O resultado foi que o cristianismo não penetrou na Índia nem na China, a não ser em alguns grupos minoritários sem repercussão na cultura do seu país.

Com as religiões menos sofisticadas, a cristianização foi feita pela força. E os resultados ainda são visíveis até agora: por exemplo, na América, onde o batismo

foi imposto sem evangelização nenhuma. Isso fez com que os indígenas tenham conservado muitas interpretações sincretistas, e até ritos muitas vezes semiclandestinos dentro da Igreja, na qual foram introduzidos por puro constrangimento, salvo ilhas isoladas onde houve no início uma evangelização. A mesma coisa aconteceu com os escravos batizados sem sequer saber o que era o batismo.

A maneira como se entendeu a evangelização desde o Concílio Tridentino não permitia nenhum diálogo, e o resultado foi uma grande superficialidade ou simplesmente a rejeição do cristianismo quando havia uma autoridade política para organizar a rejeição. Trento suscitou toda uma legislação de controle do pensamento que não permitia mais que novas influências entrassem na Igreja. O resultado foi uma grande esterilidade do pensamento e a separação do mundo cultural da Modernidade. A Igreja Católica decidiu fixar rigorosamente a disciplina dentro da cultura medieval e constitui agora uma subcultura à medida que o mundo se urbaniza.

2. A Tradição e as tradições

Jesus não deixou nenhum documento escrito. Não entregou aos discípulos nenhuma constituição, não fundou nenhuma Igreja. Enviou os seus discípulos para levar a sua mensagem ao mundo inteiro. A sua mensagem era a sua vida com os atos e os ditos ligados aos episódios do seu conflito com a hierarquia de Israel e da sua opção pelos pobres. Mandou os discípulos darem testemunho dele, ou seja, de tudo o que tinha feito. Enviou o Espírito para que se lembrassem. O Espírito não estava encarregado de transmitir uma doutrina, e sim o exemplo da vida de Jesus, para que eles anunciassem também pela sua vida o advento do Reino de Deus. Da memória dos discípulos iluminados pelo Espírito Santo nasceu a Tradição. A Tradição tomou logo a forma de uma Igreja. A Igreja é a Tradição vivida pelas comunidades unidas. Ela se transmite muito mais pela vida dos que acreditam do que por meio de palavras ou discursos.

A missão da Igreja e a sua razão de ser é conservar a Tradição como uma mensagem viva para a humanidade, mensagem renovada em cada época da história e em cada região. Jesus esperava a sua volta iminente. Ela não chegou, e então a importância da Tradição e da Igreja aumentou. A missão duraria muito mais do que previsto e devia ser progressivamente mais organizada. Mas Jesus não tinha previsto nenhuma organização. Esta seria fundada pelos homens sob a sua responsabilidade, ainda que assistidos pelo Espírito Santo. A Igreja devia estar sempre subordinada à Tradição e não pode transformar-se numa religião semelhante às religiões que há no mundo. Isto aconteceu muitas vezes na história: a Igreja desviou-se da Tradição que devia conservar, para formar uma instituição

humana autônoma. Então apareceram profetas enviados pelo Espírito para recordar a Tradição.

O tempo passou, apareciam contestações e diversidade de interpretações nas comunidades. Alguns profetas sentiram a necessidade de colocar por escrito a Tradição recebida, ou pelo menos uma parte dessa Tradição, aquela que lhes parecia mais necessário recordar. Ao mesmo tempo, os apóstolos como missionários itinerantes queriam estar em comunicação com as comunidades fundadas por eles. Escreveram cartas ou documentos com exortações e advertências quando a verdadeira Tradição lhes parecia ameaçada de desvios.

Os escritos mais antigos da Tradição são as cartas de Paulo. Paulo não alude a muitos fatos da vida de Jesus, que ele mesmo não conheceu, mas mostra na cruz e na ressurreição a novidade do evangelho. A cruz e a ressurreição marcam uma ruptura radical com o judaísmo que Paulo tinha estudado. Paulo interpelou os judeus neoconvertidos. Entrar no caminho de Jesus era romper com todas as obras da Lei. Doravante deviam descobrir que não se deve pagar a Deus o preço da salvação. O dom de Deus é gratuito. O perdão é gratuito. Continuar praticamente as prescrições da Lei era falta de fé: era renegar Jesus, negar tudo o que o Pai fez na cruz e na ressurreição de Jesus.

Depois vieram os Evangelhos que querem manter viva a lembrança da vida terrestre de Jesus como fonte de salvação. Logo apareceram tendências para espiritualizar Jesus, tratando-o como objeto de culto e não como pessoa humana que tinha aberto o caminho da salvação por obras humanas, por uma vida humana excepcional. Jesus não pedia que o adorassem, mas que seguissem o seu caminho.

Os escritos atribuídos a João são testemunhos de um terceiro ramo da Tradição primitiva. Mostram também que havia um conflito entre os que espiritualizavam Jesus e os outros que insistiam na sua vida humana terrestre semelhante à nossa. O Quarto Evangelho oferece menos fatos e muito mais interpretações. Os discursos de Jesus são muito mais desenvolvidos do que nos Evangelhos Sinóticos. A Tradição caminha, e várias interpretações caminham juntas de modo independente. Não se contradizem, mas mostram Jesus desde ângulos diferentes.

Os outros documentos, as epístolas deuteropaulinas, as cartas de Pedro e de Tiago e a Carta aos Hebreus mostram uma evolução na Igreja no final do primeiro século. Dentro do cânon do Novo Testamento há uma evolução da Tradição. Mas essa evolução não impediu que a Igreja antiga reconhecesse o cânon completo no final do século II. Claro que na época eles achavam que tudo era muito primitivo, muito próximo de Jesus e escrito por apóstolos ou assistentes diretos dos apóstolos como Marcos ou Lucas. Mas uma sensibilidade especial fez com que todos achassem que todos esses livros eram testemunhos dignos de fé. Apareceram mui-

Páginas 206-276 indisponíveis na versão digital

Versão 3

O Espírito Santo na Igreja*

Introdução 281
1. Retorno às origens 282
2. Fé e religião 284

Primeira Parte

As origens da tradição

Capítulo 1:

O Espírito Santo na vida de Jesus 297

1. O batismo 298
2. A tentação de Jesus 299
3. O envio para a Galileia 300

Capítulo 2:

O espírito na Igreja

- o nascimento da *tradição evangélica* 301

1. Antes do Novo Testamento 301
2. O Novo Testamento: os Evangelhos 305
3. A tradição paulina 309
4. A tradição joanina 313
5. A tradição lucana 315

Segunda Parte

A tradição evangélica

Capítulo 3:

O primeiro milênio 319

1. Até Constantino – A Igreja dos Mártires 319
2. A Igreja dos Monges 321
3. Os prelúdios da cristandade na Europa 324

Capítulo 4:

A tradição na cristandade medieval 330

1. São Francisco de Assis 331
2. São Domingos de Gusmão 335
3. O movimento franciscano 335
4. A cruzada dominicana 336
5. Os leigos no século XIII 337
6. A “*devoção moderna*” 338
7. A cristandade dividida 339

Capítulo 5:

A tradição nos tempos da Reforma 340 **A reforma nas novas fundações de clérigos regulares na Itália no século XVI**

1. A Companhia de Jesus 340
2. São Vicente de Paula 344
3. Os primeiros missionários dominicanos e franciscanos na América 346

Capítulo 6:

A tradição na ruína da cristandade 348

1. A ruína da cristandade 348
2. Os Santos Padres da América Latina 351
3. Conclusão - A tradição evangélica na atualidade 352

Terceira Parte

A tradição religiosa

Capítulo 7:

Origens da tradição religiosa 357

1. O judaísmo 358
2. O desafio do helenismo 362

Capítulo 8:

A religião na cristandade 365

1. Os prelúdios da cristandade 365
2. O nascimento da teologia 372
3. A conversão dos bárbaros 376
4. A cristandade:
Gregório VII e a luta pela liberdade da Igreja 384
5. Conclusão da Idade Média 404

Capítulo 9:

A religião tridentina 404

1. A Igreja tridentina 404

Capítulo 10:

A religião tridentina enfrenta a Modernidade 420

1. O renascimento católico depois da Revolução Francesa 424
2. A vida religiosa 430

Quarta Parte

Na aurora do século XXI

Capítulo 11:

A conjuntura 437

1. A longo prazo 437
2. A curto prazo: século XXI 439

Capítulo 12:

A tradição evangélica no presente 452

1. Os sinais do evangelho no presente 453
2. Além do helenismo 456
3. Conclusão 463

Capítulo 13:

A tradição religiosa no presente 464

1. Os defeitos da religião da cristandade 465
2. Ressurgência de temas bíblicos 470
3. O nascimento de uma nova teologia 473

Introdução

Como todos os teólogos da minha geração, a minha preocupação foi como traduzir o evangelho para os nossos contemporâneos de tal modo que o possam compreender. Evidentemente são inumeráveis os que se afastaram da Igreja porque esta não foi capaz de traduzir a mensagem numa língua compreensível. Não creio que esta geração à qual pertença possa achar a solução. Pode ser que ainda a Igreja tenha que esperar várias gerações. Pois a instituição permanece inconsciente ou, se é consciente, acha que a solução está na repetição do mesmo com mais entusiasmo. Mas o problema não é a maneira de dizer, o problema é de fundo. O que se diz não se entende, porque é dito numa cultura que já é minoritária e que a grande maioria dos contemporâneos não entende, salvo os historiadores. Se o problema é sumamente difícil, isso não nos dispensa do dever de buscar.

Não se trata simplesmente de um problema de palavras, mas de expressão total: falta o testemunho compreensível. Há testemunhos, e na América Latina tivemos uma geração de grandes testemunhas. Não foram bem acolhidos na Igreja, e a geração seguinte voltou à fase anterior. O problema subsiste. Este livro procede dessa preocupação, sem ter a pretensão de apresentar uma resposta durável, mas com a esperança de poder despertar continuadores.

Já não podemos pensar que a América Latina é diferente. A América Latina adotou o modelo ocidental de desenvolvimento, e nem governos progressistas podem reverter uma situação já comprometida, porque as forças econômicas, políticas, culturais, os meios de comunicação seguem no sentido da ocidentalização. Nem a crise financeira dos anos 2008-2009 pode mudar essa situação. Os problemas das Igrejas da América do Norte e da Europa serão e já são em grande parte os problemas da Igreja na América Latina. Só não vê quem não quer abrir os olhos.

Nesta introdução vamos enunciar alguns princípios básicos que orientam as nossas investigações.

1. Retorno às origens

A ideia de retorno às origens não é nova. Foi aquela que orientou todas as reformas protestantes. Mas as próprias Igrejas nascidas da Reforma conhecem os mesmos problemas. O seu retorno não foi suficiente ou se referiu a problemas diferentes dos nossos. Dentro da Igreja Católica, todos os movimentos de reforma sempre invocaram a necessidade de um retorno às origens. Mas hoje em dia parece que a urgência é maior. Parece também que o retorno deve ser mais radical do que outrora. Pois a crise das Igrejas cristãs tradicionais está inscrita num fenómeno mais global: todas as religiões nascidas desde o neolítico estão passando por uma crise semelhante. A nova cultura que procedeu do desenvolvimento científico sempre mais acelerado leva a uma contestação de todas as visões do mundo, do homem e da história que as religiões ofereceram no passado.

Durante séculos, tanto a história da teologia como a história da Igreja foram vistas como um desenvolvimento progressivo, um desenvolvimento positivo. Cada novidade parecia ser um progresso em relação à situação anterior e se estabelecia em continuidade com todos os progressos anteriores. Era como um edifício que se constrói sem parar, cada vez mais firme, cada vez mais amplo, cada vez mais lindo.

Dessa maneira, tudo o que foi acrescentado durante os séculos é visto como continuidade com as origens. A Igreja seria como uma árvore que sempre cresceu, sempre a partir das mesmas raízes. Tudo o que se acrescenta ao depositado nela ajudaria a tornar a mensagem mais compreensível. Assim, o desenvolvimento da teologia é interpretado como uma maneira cada vez melhor de entender o que está escrito na Bíblia. Não se imaginava que o desenvolvimento da teologia podia também ocultar o sentido verdadeiro e afastar o núcleo central da mensagem.

É verdade que a geração anterior à minha já havia se convencido de que toda a escolástica escrita entre o século XVI e o século XIX inclusive tinha sido de uma esterilidade tão forte que era preciso tratá-la como uma evolução declinante. Mas, uma vez superada a escolástica, como se fez depois da Segunda Guerra Mundial, reapareceu o mito do progresso. Uma vez descartado o obstáculo dessa escolástica, entravamos de novo numa ascensão, como sempre até essa escolástica. Reapareceu o otimismo progressista, até que hoje, ou seja, nas últimas décadas, apareceram dúvidas, dúvidas cada vez mais sérias. É verdade que a Igreja sempre progrediu? Se a missão da Igreja é evangelizar, será verdade que a Igreja evangeliza cada vez melhor? Será verdade que o que a Igreja ensina evangeliza cada vez melhor? Aí nasce a dúvida. Dúvida porque a realidade não confirma o otimismo anterior.

Cresce o sentimento de que somente se pode evangelizar voltando às raízes com a convicção de que a história acumulou muita poeira e muitas construções inúteis, que os discursos acumulados escondem a mensagem do evangelho e que o primeiro dever é o dever de redescobrir o que é realmente a novidade do evangelho e como essa novidade vale em todos os tempos. Não somente os edifícios, as instituições, mas também a teologia aparece como um grande museu. Um museu apaixona os arqueólogos, mas provoca eventualmente curiosidade, e somente curiosidade, nos outros. Estima-se que a cada ano 50 milhões de turistas visitam a catedral de Notre-Dame de Paris. Com certeza, mais de 100 milhões visitam São Pedro em Roma. Olham como se olhassem uma outra religião, com interesse cultural, apreciando as formas e as belezas arquitetônicas, sem ver nisso nenhuma mensagem. Essas coisas deixam de evangelizar se é que um dia evangelizaram.

Há coisas que o povo cristão já abandonou na prática, por exemplo, os sacramentos da penitência como confissão auricular, e a unção dos enfermos, que, uma vez entendido como o sacramento da morte, assusta os doentes e suas famílias. Num capítulo ulterior teremos a oportunidade de examinar essa questão mais detalhadamente.

Precisamos reler os Evangelhos e a Bíblia prescindindo de tudo o que neles foi acrescentado, de todos os comentários que muitas vezes ocultam o sentido ao invés de mostrá-lo. Desde o século XIX, os exegetas da Bíblia fizeram um enorme trabalho que nos permitiu libertar a Bíblia de todas as teologias cristãs, de tal maneira que poderemos de certo modo restituir o texto no seu contexto. A tarefa consiste agora em aproximar o texto do nosso mundo atual. Podemos estar culturalmente mais próximos do povo daquele tempo do que o povo de toda a história da cristandade que acrescentou tantas coisas que já não se sabe mais o que foi que Jesus realmente disse e fez. E do significado que aquilo tinha.

Como saber o que o evangelho pode significar para os seres humanos de hoje? Em primeiro lugar, há na humanidade atual, como sempre houve, uma grande diversidade. Em outros tempos, a diversidade estava determinada pelo espaço. Havia uma multiplicidade de etnias e de culturas distantes, que tinham poucas relações entre elas. O que fazia a diversidade era o espaço e a história, porque cada etnia tinha um espaço determinado e uma história própria. Esta diversidade ainda subsiste, ainda que muito atenuada pela globalização atual. Ela subsiste sobretudo entre os mais pobres, porque estes têm menos contatos, embora os fenômenos de migração sejam mais importantes hoje em dia do que nunca.

Hoje em dia há outra forma de diversidade que se acha dentro de cada etnia. As etnias são de tal modo próximas que o espaço deixou de diversificar. A ciência é a mesma para todos e as tecnologias também, assim como todos os bens de consu-

mo. Chegamos a um momento em que todos os pobres da terra vão comer a mesma coisa e todos os ricos do mundo vão comer a mesma coisa. Somente a Coca Cola une todas as classes sociais ou culturais. Todos os pobres do mundo olham os mesmos programas de TV, elaborados a partir do modelo dos Estados Unidos, e escutam as mesmas notícias. Todos os ricos do mundo já têm rigorosamente um modo de viver semelhante, e cada vez mais distante do modo de viver das grandes massas. Entre os ricos e os pobres existe uma grande diversidade de intermediários que participam em parte do modo de viver dos pobres e do modo de viver dos ricos. Na mesma cidade encontraremos uma grande diversidade de modos de viver. Então as preocupações, os pensamentos são diferentes. Não há uma tradução da Bíblia válida para todos. Há uma grande diversidade de Evangelhos traduzidos numa linguagem compreensível por todas as diversidades humanas.

Ninguém será capaz de evangelizar qualquer classe da humanidade. A evangelização deve ser muito diferente de acordo com a diversidade cultural. Não haverá uma teologia compreensível por todos, mas uma diversidade de teologias. A teologia atual não é compreensível por ninguém, salvo pelos membros da corporação dos teólogos, que vivem numa subcultura específica.

2. Fé e religião

A fé

Para poder evangelizar os nossos contemporâneos de todos os países do mundo e de todas as culturas precisamos partir da distinção entre fé e religião. Pois o evangelho de Jesus pede a fé, mas não pede uma religião. Ora, entre fé e religião, as diferenças são notáveis. Já se disse muitas vezes que os nossos contemporâneos não rejeitam o evangelho, mas rejeitam a religião que se apresenta como cristianismo, pelo menos aquele cristianismo que se apresenta nas Igrejas tradicionais, ditas históricas, porque o fenômeno pentecostal é outra coisa que poderemos examinar mais adiante. Os nossos contemporâneos muitas vezes rejeitam o Deus do sentido popular, o Deus comum a todas as religiões, o Deus poderoso, criador de tudo o que existe, que exige e impõe, cobra e castiga os que não se submetem. Esse Deus era e ainda é temido, embora na nova cultura universal o temor de Deus esteja desaparecendo pouco a pouco.

Muitos fenômenos que outrora se atribuíam a Deus, cataclismos, guerras, secas e inundações, desgraças etc., hoje em dia se explicam pelas ciências. Deus já não é necessário para explicar o que está acontecendo no mundo. Antigamente não se podia melhorar a condição humana a não ser pedindo a Deus pela oração. Hoje em dia, o que antigamente se pedia a Deus, a ciência e a tecnologia o resolvem pelo menos em grande parte, e quando não resolve fica a ideia de que

um dia a ciência vai resolver. Esse é o Deus que rejeitam. Muitos não chegam ao ponto de negar esse Deus porque não têm argumento firme para negar categoricamente. Mas esse Deus já não desempenha nenhum papel na sua vida. São ateus práticos, que preferem nunca pensar nessas questões religiosas. Tratam a religião como um folclore interessante de vez em quando, em algumas cerimônias tradicionais, batismo, matrimônio, funerais. Não rejeitam o Deus de Jesus que não conhecem.

A fé tem por objeto o evangelho. O evangelho está no Novo Testamento, ainda que nem todo o Novo Testamento seja evangelho. O evangelho foi proclamado por Jesus. Não procede dos seres humanos. Vem de Deus, do Deus que vem a nós. O evangelho revela outro Deus. Segundo os Sinóticos, Jesus anuncia o Reino de Deus. É um anúncio que também é uma convocação. O Deus que vai inaugurar o seu Reino e estabelecê-lo neste mundo. É o outro Deus. O Deus que se faz homem, o Deus que vem participar da vida dos seres humanos para com eles realizar uma mudança radical. A um reino de morte e destruição, um reino de pecado que é destruição da vida, sucederá um mundo de justiça e solidariedade, um mundo dirigido pelo amor mútuo entre todos os seres humanos. Este Reino será feito pelos pobres, sem violência, sem poder, sem dinheiro, sem governo.

Este evangelho foi traduzido por Paulo como advento da idade da liberdade. Jesus é o fundador da liberdade, e dele derivam todos os movimentos de liberdade, autênticos ou desviados, da história dos últimos 20 séculos. Em primeiro lugar, essa liberdade é o resultado de uma libertação pessoal. Cada pessoa é chamada a se libertar daquilo que Paulo chama de pecado, ou seja, das forças de destruição que estão presentes com mais ou menos intensidade em todos os seres humanos. Essa libertação procede de Deus. Não é o resultado de trabalhos humanos. É dom gratuito de uma nova personalidade. Somente se pede a fé. Somente acreditar que esse dom existe, que “eu posso” colaborar com essa transformação do mundo. Posso estar livre de todo egoísmo, do medo, da cobiça, do poder do dinheiro, dos desejos, da inércia, da preguiça. Sobretudo livre do medo, que é o que paralisa tantas pessoas que poderiam agir.

Em segundo lugar, o dom de Deus é libertação da lei. A lei procede da pretensão de pensar que se pode mudar os seres humanos por imposição. Bastaria exigir o cumprimento da lei, e a lei seria a libertação do mundo. Mas a lei não torna os seres humanos livres. A lei encontra-se na religião em primeiro lugar. Paulo denuncia a ilusão de que por obras da lei, doutrinas, ritos, práticas se conquista o Reino de Deus. A lei torna os seres humanos medrosos, preguiçosos, inertes, porque fazem somente o que a lei manda e quando a lei manda. A lei não forma um povo diferente. Não cria o amor. Esse amor é dom de Deus para quem

Páginas 286-356 indisponíveis na versão digital

Terceira Parte

A tradição religiosa

Capítulo 7:

Origens da tradição religiosa

Nasceu a religião cristã desde o momento em que os discípulos se sentiram só, abandonados por Jesus, com a tarefa de cumprir a missão que ele lhes deixara. Mas eles não eram Deus, eram criaturas humanas, e como criaturas humanas tinham uma religião e se viram na necessidade de combinar essa religião com a fé em Jesus. Como iam viver essa fé em Jesus e anunciar o Reino de Deus, eles que eram criaturas humanas tão condicionadas pela cultura, pelo mundo em que tinham nascido? Não estavam com a fé em Cristo somente, porque tinham consigo e em si toda a sua história anterior. Não tinham mudado a personalidade. Assim se construiu uma religião que ia incorporar a vivência do evangelho dentro de uma religião humana.

A história da Igreja passou por várias etapas. Há períodos de homogeneidade e momentos de ruptura e de mudanças. A religião evoluiu. Foi crescendo, multiplicando as suas expressões. Cada geração trouxe alguns elementos novos. Também houve pedaços do passado que caíram, porque já não respondiam aos

modos da cultura nova que tinha surgido. Somente podemos evocar algumas grandes etapas dessa evolução, vendo como se formou e como evoluiu a tradição religiosa e como se combinou com o evangelho de Jesus. Nasceu a Igreja dessa mistura de evangelho e de religião. Como a Igreja combinou o evangelho com a sua religião do momento? Foi toda uma história complexa que podemos somente evocar nas grandes linhas.

1. O judaísmo

O cristianismo nasceu dentro do judaísmo e se emancipou progressivamente. No entanto, muitos elementos do judaísmo entraram na tradição. Jesus mudou radicalmente a religião do seu povo, relativizou todo o sistema e deixou as portas abertas para que aparecesse uma nova religião. Mas esta não se separou logo da anterior. Há influências do judaísmo que perseveram até hoje e até hoje perturbam a vida da Igreja. Há aspectos importantes da Igreja de hoje que ainda refletem o sistema judaico condenado por Jesus, mas é difícil reconhecer essa dependência porque estão mesclados de tal modo no tecido da história cristã que não se percebe mais o que são infiltrações do judaísmo e que esconde a pureza da mensagem do evangelho.

Vejamos as razões da penetração do judaísmo

Em primeiro lugar, os apóstolos e toda a Igreja aceitaram a Bíblia dos judeus, dando-lhe o nome de Antigo Testamento, e como os judeus reconheceram nela a palavra de Deus. Quando apareceu a coleção de escritos dos discípulos de Jesus, que foram também considerados como palavra de Deus, esses escritos foram assimilados à Bíblia antiga, formando o Novo Testamento. Os dois foram tratados como equivalentes. Ambos representavam a palavra de Deus de modo equivalente. Mas daí começou uma ambiguidade que permanece até hoje. Pois o Antigo e o Novo Testamento não podem ter o mesmo valor, porque não ensinam o mesmo Deus e não contêm palavras de Deus da mesma maneira.

No Antigo Testamento há diversidade de imagens de Deus e do agir de Deus. Há uma linha profética na qual Jesus se inspira, e há também uma linha legalista que foi rejeitada por Jesus. Não podemos dar o mesmo valor a todos esses textos. Os exegetas antigos procuraram salvar todo o Antigo Testamento, vendo nos textos rejeitados figuras, alegorias, imagens de outra realidade, compatível como o Novo Testamento. Mas não é a mesma coisa uma interpretação alegórica de um texto ou o sentido literal do texto como no Novo Testamento.

A outra razão é que os primeiros cristãos foram todos judeus, e durante todo o

primeiro século, os judeus constituíram a maioria da Igreja. Os discípulos de Jesus não tiveram uma experiência de ruptura com o seu judaísmo. Paulo foi o primeiro. Os outros achavam que continuavam sendo judeus e permaneceram fiéis ao conjunto do sistema religioso. Somente pouco a pouco descobriram que havia antagonismos entre a memória de Jesus e vários dados da sua religião judaica. No segundo século, os cristãos de origem pagã já devem ter sido mais numerosos e se reconheciam na doutrina de Paulo que definia uma separação radical entre a fé e a lei. Assim mesmo, muitas estruturas da religião recebida desses judeus permaneceram e permanecem até hoje, como, por exemplo, a doutrina da inspiração bíblica que coloca num pé de igualdade os dois Testamentos.

O Deus da lei

No Antigo Testamento há o Deus dos profetas e o Deus da lei. Os próprios profetas não estão longe do Deus da lei. Deus é aquele que deu a lei e impõe a lei. Esse Deus castiga. Por isso, todos os males que acontecem na vida são explicados como castigos de Deus, as doenças, os acidentes, os cataclismos do clima, as violências na sociedade. Esta interpretação confere ao pecado uma importância enorme na vida. Os pobres vivem com a consciência de pecadores, temendo os castigos de Deus. Os outros procuram maneiras de afastar a ira de Deus ou escondem os seus pecados

Ora, esta consciência de pecado e essa interpretação de todos os males da vida como castigos divinos penetraram na comunidade cristã. Ficaram muito desenvolvidas na Idade Média e em toda a cristandade. Durante séculos e até o século passado, o clero, os missionários deram ao povo dos pobres essa mensagem do Deus da lei. Ser cristão era obedecer à lei de Deus. O próprio cristianismo chegou a ser chamado de lei: “Eu sou católico porque nasci nessa lei...”. O clero sempre aproveitou as calamidades e os desastres, as epidemias e todos os males como castigos de Deus e exortando para a conversão. O apelo à obediência à lei estava baseado no medo desses castigos.

Diante dessa forte consciência de pecado, a religião judaica oferece soluções que consistem em multiplicar atos que são capazes de conseguir o perdão de Deus. Atos que vão acalmar a ira de Deus. Daí orações, sacrifícios, penitências, jejuns, ofertas a Deus. Pois Deus não perdoa se não recebe satisfação. A própria doutrina da redenção dos teólogos medievais está fundada nessa ideia de que Deus não perdoa se não recebe satisfação. Esse Deus é exigente e nunca se sabe se ele realmente perdoou, por isso é preciso pedir esse perdão incessantemente. Aos pecados se responde por atos de satisfação, atos dos quais se supõe que são agradáveis a Deus. O sistema da lei inclui que Deus gosta e exige sacrifícios de animais ou de outros bens terrestres. Precisa matar animais, porque se agrada a

Páginas 360-436 indisponíveis na versão digital

Quarta Parte

Na aurora do século XXI

Capítulo 11: A conjuntura

1. A longo prazo

A longo prazo, o futuro do cristianismo está no Extremo Oriente. Em primeiro lugar porque o futuro da humanidade está no Extremo Oriente, ou seja, na China, na Índia, no Japão, na Coreia, no Vietnã, nas Filipinas e nos países da Península Indochinesa. Na frente estará a China. No século XXII, o Extremo Oriente terá ultrapassado a economia do bloco América-Europa, dito o Ocidente, que predominou desde o século XVI. O mundo muçulmano não consegue unir-se. A África já está começando a cair no poder da China. À superioridade cultural segue a superioridade econômica e também a superioridade política.

O número de cristãos aumenta muito depressa na China, seguida pela Coreia e pelo Vietnã. E desde já, as Filipinas constituem uma fortaleza do catolicismo. Na China, no Vietnã, uma fase de dominação marxista eliminou ou desprestigiou uma grande parte das religiões tradicionais. E o marxismo é uma excelente preparação para o cristianismo. O marxismo tem as suas raízes na Bíblia. Diferente da filosofia grega que orientou a cristandade ocidental até hoje, o marxismo tem

uma concepção dinâmica da humanidade. Apresenta a humanidade como a história de um conflito crescente entre dominadores e dominados, a história da luta contra o pecado de injustiça social, de denúncia da opressão e de anúncio de uma libertação. Como o cristianismo, o marxismo é um messianismo, embora o Messias seja diferente. Quem passou pelo marxismo está pronto para entender o evangelho, ainda que tenha resistência diante da religião. Mas afinal, a religião é secundária e se adapta à cultura dos povos.

No Ocidente, a Igreja Católica fez da luta contra o comunismo a prioridade absoluta da sua pastoral. No final, os católicos do mundo comunista são mais numerosos, mais fervorosos, mais fiéis do que os católicos do mundo capitalista. Toda essa ação política católica foi em vão. Quando os países socialistas entraram no mundo capitalista houve uma queda imediata da vitalidade religiosa. O capitalismo fez em poucos meses o que o comunismo não conseguiu em 30 anos: descristianizar.

Na China como no Vietnã, na Camboja e no Laos, os cristãos foram e ainda são perseguidos, mas apesar disso, o seu número cresce. Trata-se de cristãos com uma fé firme e conquistadora. Eles não têm sentimento de inferioridade, como na maior parte do Ocidente. São cristãos semelhantes aos cristãos do Império Romano antes de Constantino. Olham para o futuro, estão na espera da sua libertação. Por isso, estes são o futuro do cristianismo. Como perseguidos, não sofrem a corrupção do poder. Não têm poder e não têm compromisso com o poder. Era só isso que Jesus pedia aos seus discípulos e que na história do Ocidente a Igreja Católica não conseguiu evitar. Os do Extremo Oriente não têm essa tremenda herança da cristandade ocidental: a corrupção pelo poder. Eles podem recomeçar com uma consciência limpa e com liberdade. No Ocidente, a Igreja nunca é livre. Sempre tem ataduras com o poder. Por isso, ela não tem mais futuro. É tarde demais para se corrigir.

Historicamente, o cristianismo chegou ao Extremo Oriente por meio de missionários ocidentais. Esses traziam toda uma herança. Com a sua mensagem vinha toda a cultura da cristandade. Houve toda uma história da evangelização associada à colonização e à dominação política, militar, econômica e cultural do Ocidente. O cristianismo chegou escoltado por bandeiras nacionais da Europa ou da América do Norte. Os jesuítas que queriam refazer tudo de novo, uma nova cristandade sem os vícios da ocidental, foram condenados. Assim como o foram os missionários dominicanos e franciscanos do século XVI na América. Qual será o peso dessa herança? Não o sabemos. Haverá no Extremo Oriente cristãos suficientemente livres para se emanciparem dessa herança de dependência? Deus queira que assim suceda. Os missionários implantaram uma Igreja totalmente alheia à cultura desses povos. Claro que não conseguiram completamente. Mas os cris-

tãos dessas novas Igrejas estarão diante de um desafio extraordinariamente difícil: emancipar-se dessa herança cultural que receberam e descobrir o evangelho muitas vezes escondido por um mundo de tradições religiosas tipicamente ocidentais.

Temos a esperança de que tais homens e mulheres vão aparecer. Temos um ilustre exemplo na pessoa do premio Nobel da Paz de 2010. Serão leigos primeiro, e queira Deus que haja intelectuais suficientemente livres para descobrir a verdadeira Tradição evangélica. Deus queira que Gandhi tenha sucessores também nas Igrejas. Gandhi não era cristão institucionalmente, mas era mais profundamente cristão do que muitos, porque tinha entendido muito bem o evangelho e estranhava que os chamados cristãos ignorassem tão radicalmente o evangelho. O século XXI inteiro será necessário para que se realize esse futuro. Mas desde já os contatos entre o Ocidente e o Extremo Oriente vão ter que multiplicar-se, e seria bom que jovens cristãos aprendessem a falar chinês para estar preparados a um diálogo preparatório desse futuro. A condição seria que esses jovens ficassem independentes da sua cultura e por isso consciente da sua própria cultura para poder ver e entender a novidade das outras.

Não falei da África. A África vai emancipar-se da Europa e dos Estados Unidos e pertencer à periferia do mundo oriental. Pelo menos durante um bom período. Será uma parte importante dessa nova Igreja orientada pela China.

2. A curto prazo: século XXI

Neste século XXI assistiremos ao ocaso do Ocidente e da antiga cristandade ocidental que se apaga progressivamente. Às vezes, o ocaso, o outono pode produzir os melhores frutos. Veremos se os cristãos aproveitam essa situação para viver mais intensamente o evangelho. Depois de Medellín houve uma época em que se podia pensar que a América Latina se distanciaria do Ocidente e formaria uma história própria, mais independente da Europa. Mas João Paulo II acabou com esse sonho, e a América Latina foi forçada a reintegrar-se à Europa. Recebeu um episcopado totalmente romanizado, e a herança de Medellín sobreviveu apenas em pequenas minorias sem influência nas alturas. A América Latina será também parte do outono da cristandade europeia. Perdeu uma oportunidade histórica. A imensa maioria do episcopado está feliz com essa saída. As declarações de Aparecida sobre Medellín e Puebla são pura formalidade, sem efeito nenhum, uma saudação à bandeira.

O presidente Lula começou a articular uma política de integração da América do Sul em forma mais independente dos Estados Unidos e buscando relações mais privilegiadas com o Extremo Oriente. O episcopado católico fica totalmente

Páginas 440-475 indisponíveis na versão digital

Bibliografia

Bibliografia para o livro em construção (José Comblin)

- CHAGNY, André. *Cluny et son Empire*. Paris: Vitte, 1949
- DANSETTEN, Adrien. *Destin du catholicisme français 1926-1956*. Paris: Flammarion, 1957
- GIRARD, René. *La violence et le sacré*. Paris: Grasset, 1972
- HAZARD, Paul. *La crise de la conscience européenne (1680-1715)*. Paris: Boivin, 1935
- HOFFMANN, Hartmut. *Gottesfriede und Treuga Dei*. Stuttgart: Hiersemann, 1964
- LEEuw, Gerardus van der. *La religion dans son essence et ses manifestations. Phénoménologie de la religion*. Paris: Payot, 1948
- LEPRIEUR, François. *Quand Rome condamne*. Paris: Plon-Cerf, 1989
- LEPRIEUR, François. *Liberté et laïcité. La guerre des deux France et le principe de la modernité*. Paris: Cerf-Cujas, 1987
- MANTEUFFEL, Tadeusz. *Naissance d'une hérésie. Les adeptes de la pauvreté volontaire au moyen âge*. Paris e La Haia: Mouton, 1963
- ORTIZ DE URBINA, Ignacio. *Nicea y Constantinopla*. Vitoria: Eset, 1969
- PACAUT, Marcel. *La théocratie. L'Église et le pouvoir au moyen âge*. Paris: Aubier, 1957
- PACAUT, Marcel. *Empire en Occident du Ve au XIVe siècle*. Paris: Aubier, 1953
- PIERRARD, Pierre. *L'Église et les ouvriers em France (1840-1940)*. Paris: Hachette, 1984
- PIERRARD, Pierre. *História da Igreja*. São Paulo: Paulinas, 1982
- POULAT, Émile. *Naissance des prêtres-ouvriers*. Tournai: Casterman, 1968
- POULAT, Émile. *Une église ébranlée. Changement, conflit et continuité de Pie XII à Jean-Paul II*. Tournai: Casterman, 1980
- POULAT, Émile. *Catholicisme, Démocratie et Socialisme*. Tournai: Casterman, 1977
- POULAT, Émile. *Liberté, laïcité. La guerre des deux France et le principe de la modernité*. Paris: Cerf-Cujas, 1986
- POULAT, Émile. *Église contre bourgeoisie*. Tournai: Casterman, 1977
- SCHIEFFER, Theodor. *Winfried-Bonifatius und die christliche Grundlegung Europas*. Friburgo (Alemanha): Herder, 1954
- SCHILLEBEECKX, Edward. *Por uma Igreja mais humana*. São Paulo: Paulinas, 1989
- ULLMANN, Walter. *The growth of papal government in the middle ages*. Londres: Methuen, 1953

Livros consultados e marcados por José Comblin para inclusão nas referências (Elenco: Monica M. Muggler)

- ALBERIGO, Giuseppe. *A Igreja na História*. São Paulo: Paulinas, 1999
- AMALADOSS, Michael. *Vivre en Liberté. Les théologies de la libération en Asie*. Bruxelles: Lumen Vitae, 1998
- AHRWILER, Hélène. *L'idéologie politique de l'empire byzantin*. Paris: Presses Universitaires de France, 1975
- BAUDOT, Georges. *La pugna franciscana por México*. Ciudad de México: Alianza Editorial Mexicana, 1990
- BOEGLIN, Jean-Georges. *La question de la Tradition dans la théologie catholique contemporaine*. Paris: Les Éditions du Cerf, 1998
- CAHIERS DE FANJEAUX. *Franciscains d'Occ. Les Spirituels 1280-1324*. Toulouse: Édouard Privat, 1957
- CAHIERS DE FANJEAUX. *Paix de Dieu et guerre sainte en Languedoc au XIII siècle*. Toulouse: Édouard Privat, 1969
- CAMELOT, Pierre-Thomas. *Efeso y Calcedonia. Historia de los Concilios Ecuménicos*. Vitoria: Editorial Eset, 1971
- CHAGNY, André. *Cluny et son Empire*. Paris: Emmanuel Vitte, 1949
- CHAUNU, Pierre. *Le Temps des Réformes. La crise de la chrétienté. L'éclatement 1250-1550*. Paris: Fayard, 1975
- CONGAR, Yves. *Situation et Taches Présentes de la Théologie*. Paris: Editions du Cerf, 1967
- COZZENS, Donald. *Silêncio Sagrado: negação e crise na Igreja*. São Paulo: Loyola, 2004
- DALMASES, Cândido de, SJ. *Inácio de Loyola – Fundador da Companhia de Jesus*. São Paulo: Loyola, 1984
- DAWSON, Christopher. *The Making of Europe: An Introduction to the History of European Unity*. Nova Iorque e Cleveland: The World Publishing Company, 1956
- DELUMEAU, Jean. *Le Christianisme va-t-il mourir?* Paris: Hachete, 1977
- DERRIDA, Jacques; VATTIMO, Gianni. *La religion*. Paris: Seuil, 1996
- ESSER, Kajetan; HARDICK, Lothar. *Os Escritos de São Francisco de Assis*. Petrópolis: Vozes, 1963
- EUVE, François. *Crainte et Tremblement. Une histoire du péché*. Paris: Seuil, 2010
- FOLZ, Robert. *L'idée d'Empire en Occident du Ve au XIVe siècle*. Paris: Aubier, Editions Montaigne, 1953
- GEFFRÉ, Claude. *Une Nouvel Age de la Théologie*. Paris: Éditions du Cerf, 1972
- GIBELLINI, Rosino. *Panorama de la théologie au XXe siècle*. Paris: Cerf, 1994
- GIBELLINI, Rosino (org.). *Perspectivas Teológicas para o século XXI*. Aparecida: Ed. Santuário, 2005
- GISEL, Pierre. *Vérité et Histoire. La Théologie dans la Modernité. Ernst Käsemann*. Paris: Éditions Beauchesne; Genebra: Labor et Fides, 1977

- GONZÁLEZ FAUS, José Ignacio. *La libertad de la palabra en la Iglesia y en la teología*. Santander: Sal Terrae, 1985
- HEER, Friedrich. *Cristianismo Europeo. Cristianismo y Hombre Actual*. Madrid: Guadarrama, 1962
- HENRY, Antonin Marcel; CHELINI, Jean. *La longue marche de l'Église*. Bruxelles: Elsevier Sequoia, 1981
- HINKELAMMERT, Franz. *Hacia una crítica de la razón mítica. El laberinto de la modernidad*. San José: Editorial Arlekin, 2007
- HINKELAMMERT, Franz. *La maldición que pesa sobre la ley. Las raíces del pensamiento crítico en Pablo de Tarso*. San José: Editorial Arlekin, 2010
- HOLSTEIN, Henri. *La Tradition dans L'Église*. Paris: Grasset, 1960
- LATOUCHE, Robert (apres. e trad.). *Textes d'Histoire Médiévale V-XI Siècle*. Paris: Presses Universitaires de France, 1951
- LE BAIL, Anselme, Abbé de Chimay. *L'Ordre de Cîteaux*. Paris: Letouzey et Ané, 1922
- LECLERCQ, Jean; VANDENBROUCKE, François; BOUYER, Louis. *La Spiritualité du Moyen Age*. Paris: Aubier, 1961
- LE GOFF, Jacques. *São Francisco de Assis*. Rio de Janeiro: Record, 2001
- LECUIT, Jean-Baptiste. *Quand Dieu habite en l'homme. Pour une approche dialogale de l'inhabitation trinitaire*. Paris: Éditions du Cerf, 2010
- LELOUP, Jean-Yves. *Introdução aos "Verdadeiros Filósofos". Os Padres Gregos: Um continente esquecido do pensamento ocidental*. Petrópolis: Vozes, 2003
- LEEuw, Gerardus van der. *La Religion dans son Essence et ses Manifestations. Phénoménologie de la religion*. Paris: Payot, 1948
- LIBANIO, João Batista. *Olhando para o Futuro. Perspectivas teológicas e Pastorais do Cristianismo na América Latina*. São Paulo: Loyola, 2003
- LOT-BORODINE, Myrrha. *La déification de l'homme*. Paris: Éditions du Cerf, 1970 (Bibliothèque Ecuménique 09)
- MARLE, René. *Dietrich Bonhoeffer. Témoin de Jésus Christ parmi ses frères*. Tournai: Casterman, 1967
- METZ, Johann Baptist. *A fé em história e sociedade*. São Paulo: Paulinas, 1980
- MOINGT, Joseph. *La question de la Tradition dans la théologie catholique contemporaine*. Paris: Les Éditions du Cerf, 1998 (marcações pp. 104-105)
- MOINGT, Joseph. *Dieu qui vient à l'homme. Du deuil au dévoilement de Dieu*. Paris: Les Éditions du Cerf, 2002
- MOINGT, Joseph. *Dieu qui vient à l'homme. De l'apparition à la naissance de Dieu 1*. Paris: Les Éditions du Cerf, 2005
- MOINGT, Joseph. *Dieu qui vient à l'homme. De l'apparition à la naissance de Dieu 2*. Paris: Les Éditions du Cerf, 2007
- MOLLAT, Michel. *Les Pauvres au Moyen Age. Étude sociale*. Paris: Hachette, 1978
- MOLTMANN, Jürgen. *El Futuro de la Creación. Verdad e Imagen*. Salamanca: Sigueme, 1979
- MOLTMANN, Jürgen. *La venue de Dieu. Eschatologie chrétienne*. Paris: Éditions du Cerf, 2000
- NESMY, Claude J. *Saint Benoit e la vie monastique*. Paris: Seuil, 1959
- PACAUT, Marcel. *La Théocratie. L'Église et le Pouvoir au Moyen Age*. Paris: Aubier, Ed. Montaigne, 1957

- PATTERSON, Orlando. *La Libertad. La libertad en la construcción de la cultura occidental*. Santiago de Chile: Andres Bello, 1993
- PÉREZ, Juan Manuel, OP. *Predicadores del Nuevo Mundo: Los dominicos en el siglo XVI*. Bogotá: Cidal, 1987
- HERNÁNDEZ PICO, Juan, SJ. *No sea así entre ustedes: ensayo sobre política y esperanza*. San Salvador: UCA Editores, 2010
- POINSENET, Marie Dominique. *France Religieuse du XVII Siècle*. Paris: Casterman, 1952
- ROPS, Daniel (org.). *Le Miracle Irlandais*. Paris: Robert Laffont, 1956
- SCHILLEBEECKX, Edward. *L'histoire des hommes, récit de Dieu*. Paris: Editions Cerf, 1992
- SEGUNDO, Juan Luis. *Fe, revelación y magisterio dogmático*. Santander: Sal Terrae, 1989
- SESBOÜÉ, Bernard, SJ. *L'Évangile et la Tradition*. Paris: Bayard, 2008
- SESBOÜÉ, Bernard, SJ. *¡No tengáis miedo!* Santander: Sal Terrae, 1998
- SESBOÜÉ, Bernard, SJ. *O Deus da Salvação (séculos I-VIII)*. São Paulo: Loyola, 2002
- STIGLITZ, Joseph E. *Le Triomphe de la Cupidité*. Paris: LLL – Les Liens qui Libèrent, 2010
- VICAIRE, Marie-Humbert, OP. *Histoire de Saint Dominique, 1. Un Homme évangélique*. Paris: Editions du Cerf, 1956
- VICAIRE, Marie-Humbert, OP. *Histoire de Saint Dominique, 2. Au coeur de l'Église*. Paris: Editions du Cerf, 1956
- VICAIRE, Marie-Humbert, OP. *L'imitation des Apôtres. Moines, chanoines et mendiants IVe-XIIIe siècles*. Paris: Editions du Cerf, 1962
- VOVELLE, Michel. *Piété baroque et déchristianisation en Provence au XVIIIe siècle*. Paris: Seuil, 1978
- WELTER, Gustave. *Histoire des Sectes Chrétiennes. Des origines a nos jours*. Paris: Payot, 1950

